

la fundación

Revista da Fundação MAPFRE#60
Setembro 2022
www.fundacionmapfre.org



Em primeira pessoa

Luis Rojas Marcos

Arte

Carrie Mae Weems

KBr FLAMA 2022

***Julio González,
Pablo Picasso e a
desmaterialização
da escultura***

ILSE BING

Cuide-se

**NÃO AO ÓDIO
NAS REDES SOCIAIS**

VISITA NUESTRAS EXPOSICIONES VISIT OUR EXHIBITIONS

www.fundacionmapfre.org
Fundación **MAPFRE**

Pablo Picasso
Mujer en el jardín, París,
primavera de 1930
Hierro soldado y pintado de
blanco, 206 x 117 x 85 cm
Musée National Picasso-
Paris
Dación Pablo Picasso, 1979
MP267
© Sucesión Pablo Picasso.
VEGAP, Madrid, 2022
Foto © RMN-Grand Palais
(Musée national Picasso-
Paris) / Adrien Didierjean /
Mathieu Rabeau

JULIO GONZALEZ, PABLO PICASSO Y LA DESMATERIALIZACIÓN DE LA ESCULTURA

Lugar
Sala Fundación MAPFRE Recoletos
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

Fechas
Del 23/09/2022 al 08/01/2023

Horario de visitas
Lunes de 14.00 a 20.00 h.
Martes a sábado de 11.00 a 20.00 h.
Domingos y festivos de 11.00 a 19.00 h.
Acceso gratuito los lunes



JULIO GONZÁLEZ, PABLO PICASSO AND THE DEMATERIALISATION OF SCULPTURE

Location
Fundación MAPFRE Recoletos Exhibition Hall
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

Dates
From 09/23/2022 to 01/08/2023

Visiting hours
Monday from 2 pm to 8 pm.
Tuesday to Saturday from 11 am to 8 pm.
Sunday/holidays from 11 am to 7 pm.
Free entry on Mondays

Ilse Bing
Prostitutas, Ámsterdam
[Prostitutes, Amsterdam],
1931
25,5 x 34 cm
Colección de Michael Mattis
y Judith Hochberg, Nueva
York
© Estate of Ilse Bing
Photograph: Jeffrey Sturges

ILSE BING

Lugar
Sala Fundación MAPFRE Recoletos
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

Fechas
Del 23/09/2022 al 08/01/2023

Horario de visitas
Lunes de 14.00 a 20.00 h. Martes a sábado de 11.00
a 20.00 h. Domingos y festivos de 11.00 a 19.00 h.
Acceso gratuito los lunes



ILSE BING

Location
Fundación MAPFRE Recoletos Exhibition Hall
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

Dates
From 09/23/2022 to 01/08/2023

Visiting hours
Monday from 2 pm to 8 pm. Tuesday to Saturday from
11 am to 8 pm. Sunday/holidays from 11 am to 7 pm.
Free entry on Mondays

Carrie Mae Weems
Sin título (Micrófonos), de la
serie *El impulso, la llamada,
el grito, el sueño*, 2020
Impresión per inyección de
tinta perdurable
© Carrie Mae Weems,
cortesía Jack Shainman
Gallery, New York
y Galerie Barbara Thumm,
Berlín

CARRIE MAE WEEMS

Lugar
KBr Fundación MAPFRE
Ronda del Litoral 30, 08005 Barcelona

Fechas
Del 06/10/2022 al 15/01/2023

Horario de visitas
Lunes cerrado
Martes a domingo (y festivos) de 11.00 a 19.00 h.
Acceso gratuito los martes



CARRIE MAE WEEMS

Location
KBr Fundación MAPFRE
Ronda del Litoral 30, 08005 Barcelona

Dates
From 10/06/2022 to 01/15/2023

Visiting hours
Monday: closed
Tuesday to Sunday (and holidays) from 11 am to 7 pm.
Free entry on Tuesdays

Guillermo Fernández
Serie Los santos inocentes,
2019
© Guillermo Fernández

KBr FLAMA 2022

Lugar
KBr Fundación MAPFRE
Ronda del Litoral 30, 08005 Barcelona

Fechas
Del 06/10/2022 al 15/01/2023

Horario de visitas
Lunes cerrado
Martes a domingo (y festivos) de 11.00 a 19.00 h.
Acceso gratuito los martes



KBr FLAMA 2022

Location
KBr Fundación MAPFRE
Ronda del Litoral 30, 08005 Barcelona

Dates
From 10/06/2022 to 01/15/2023

Visiting hours
Monday: closed
Tuesday to Sunday (and holidays) from 11 am to 7 pm.
Free entry on Tuesdays



**EVITA COLAS COMPRANDO
ONLINE TUS ENTRADAS**
**BEAT THE QUEUE,
BUY YOUR TICKETS ONLINE**



**¡RESERVA TUS ENTRADAS!!
BOOK YOUR TICKETS!!**

www.entradas.fundacionmapfre.org



Como garotas mimadas...

Como garotas mimadas. É assim que viajam as obras que a Fundación MAPFRE empresta para exposições itinerantes ou recebe de outras instituições para suas exposições em Madrid e Barcelona. As perfeitas condições de temperatura, umidade, embalagem, etc., são minuciosamente estudadas para que o transporte não cause o menor impacto.

Após a retirada das obras de cada uma das exposições, é verificado o estado das peças e as mesmas são devidamente embaladas para transporte.

Em setembro renovamos nossa proposta de exposições para este outono. Esperamos você! ✕

la fundación Revista da Fundación MAPFRE Presidente do Conselho Editorial Ignacio Baeza Diretor Javier Fernández González Edição Dirección de Comunicación da MAPFRE Redação Ctra. de Pozuelo 52. 28222 Majadahonda. Madrid. F 915 815 359. comunicacion@mapfre.com www.fundacionmapfre.org Distribuição Área de Marketing da Fundación MAPFRE. Pº de Recoletos, 23. 28004 Madrid Realização editorial Moonbook S.L. contenidos@moonbook.es Impressão Gráficas Monterreina. Depósito legal M-26870-2008 ISSN 1888-7813 A publicação desta revista não necessariamente supõe a concordância da Fundación MAPFRE com o conteúdo dos artigos e trabalhos nela contidos. A reprodução de artigos e notícias é autorizada desde que conte com prévia e expressa autorização dos editores, e sempre citando sua origem. Capa Julio González, *Grande maternité* [Grande Maternidade], 1934, Tate, foto: Hierro y piedra. 13,1 x 40,6 x 23,5 cm. Tate, Adquisición, 1970. T01242. Foto: Tate. © Sucesión Pablo Picasso. VEGAP, Madrid, 2022

FALTA TRADUCIR CRÉDITOS PORTADA

sumário

LUIS ROJAS MARCOS



CARRIE MAE WEEMS



Fecha a porta?,
2019

© Carrie Mae Weems, courtesy Jack Shainman Gallery, New York and Galerie Barbara Thumm, Berlin

JULIO GONZÁLEZ,
PABLO PICASSO E A
DESMATERIALIZAÇÃO
DA ESCULTURA



Pablo Picasso
Guitarra, Paris, 1924
Musée National
Picasso - Paris.
Doação Pablo Picasso,
1979

© Sucessão Pablo Picasso.
VEGAP, Madrid, 2022

Foto © RMN-Grand
Palais (Musée national
Picasso-Paris) / Adrien
Didierjean



EM PRIMEIRA PESSOA

6

LUIS ROJAS MARCOS

Conversamos com o psiquiatra Luis Rojas Marcos sobre o poder do envelhecimento.

ARTE



10

ARTE PARA TODOS

Nossas exposições abertas ao mundo.



12

CARRIE MAE WEEMS

De 6 de outubro de 2022 a 15 de janeiro de 2023 no Centro de Fotografia KBr Fundación MAPFRE.



20

KBR FLAMA

De 6 de outubro de 2022 a 15 de janeiro de 2023, o evento anual com criações emergentes e novas gerações de fotógrafos retorna ao Centro de Fotografia KBr.



28

JULIO GONZÁLEZ, PABLO PICASSO E A DESMATERIALIZAÇÃO DA ESCULTURA

De 23 de setembro de 2022 a 8 de janeiro de 2023 na Sala Recoletos da Fundación MAPFRE em Madrid.



36

ILSE BING

De 23 de setembro de 2022 a 8 de janeiro de 2023, a sala Recoletos da Fundación MAPFRE em Madrid abriga o trabalho desta fotógrafa única.

44 COMPROMETIDOS

A AJUDA PARA **UM FUTURO MELHOR** NÃO PARA

Apresentamos o trabalho realizado pelo Centro Comunitário MAPFRE-Universidad Panamericana (UP) em favor do povo de Santa Fé, no México.

50 PROFISSIONAIS E MAIS

Conversamos com Diego Ramírez Portugués, voluntário da Fundación Balia.

52 CUIDE-SE

NÃO AO ÓDIO NAS REDES SOCIAIS

Situações de assédio e discriminação nas redes sociais podem afetar nossa saúde mental, principalmente no caso de jovens e adolescentes.

PREVENÇÃO E SEGURANÇA VIÁRIA

56

EM DEFESA DOS **AVESTRUZES**

O ser humano é a única espécie que «olha para o outro lado» diante de problemas que têm solução, como a perda de vidas nas estradas.

60 AGEINGNOMICS

DIANTE DO DESAFIO DEMOGRÁFICO, **NOVOS MODELOS HABITACIONAIS**

64 OUTRA MANEIRA DE AJUDAR

66 VISTO na rede



A AJUDA PARA UM FUTURO MELHOR NÃO PARA



NÃO AO ÓDIO NAS REDES SOCIAIS



DIANTE DO DESAFIO DEMOGRÁFICO, NOVOS MODELOS HABITACIONAIS





Luis Rojas Marcos: «Enquanto tivermos saúde, a vida deve ser atividade. Somos melhores com o passar dos anos»

TEXTO: NURIA DEL OLMO FOTOGRAFIA: ALBERTO CARRASCO

Ele é um grande defensor das relações sociais, das conversas, do senso de humor e da permanência ativa. Essa é a sua fórmula para se sentir bem, física e mentalmente. O psiquiatra espanhol, baseado em Nova York, visitou Madrid para falar sobre o poder do envelhecimento. Ele o fez em uma conferência organizada pelo Centro de Pesquisas Ageingnomics da Fundación MAPFRE, onde explicou a importância de aproveitar a experiência e o conhecimento para aproveitar as últimas etapas da vida.

Apesar de estar com *jet lag*, o que o obriga a falar devagar, Luis Rojas Marcos (Sevilha, 1943) sente-se muito bem. Ele reconhece que ainda tem energia e humor para enfrentar cada dia, que passa, principalmente, com aulas universitárias, escrevendo, correndo maratonas e curtindo a família. Agora, com 79 anos recém-completados, o doutor em psiquiatria, que acaba de pousar em Madrid, faz um balanço destes anos. Ele reconhece que desde que chegou a Nova York, em 1968, teve uma vida repleta de responsabilidades e cargos relevantes, algo que nem ele imaginava. Trabalhou com pessoas fantásticas, mas com quem teve pouca intimidade. E sente falta, porque, como ele mesmo diz, ter bons amigos é fundamental e você tem que se esforçar para mantê-los para quando for necessário.

Não parece que descansar é uma opção para você.

A ideia de descansar não me convém. Acredito que enquanto estivermos saudáveis, a vida deve ser ativa, uma oportunidade de continuar aprendendo e realizando desejos pendentes. Quando criança eu era

hiperativo, então imagine, sempre tive muita energia, embora às vezes possa ser cansativo. Há quem me diga «Mas, Luis, você está sempre ocupado. Por que não se senta e conversamos um pouco?». Acho que ter projetos e socializar é fundamental. Eu falo muito, às vezes comigo mesmo, com os passarinhos da cozinha, e isso me ajuda. Claro, você tem que sempre falar com o outro com carinho, do jeito que você gostaria que falassem com você.

O título de sua palestra reforça a palavra poder, algo que não costuma ser associado à velhice. Por que você acredita que há discriminação contra os idosos?

A discriminação por idade é real e está associada à cultura. Em países como Índia ou China, por exemplo, o idoso é considerado sábio e é tratado com respeito, mas na Europa e nos Estados Unidos é associado a algo negativo, a algo que não funciona mais, e não é assim. Acho que não devemos usar a palavra envelhecer. Nesse sentido, acredito que a aposentadoria compulsória não



«A
aposentadoria
compulsória
não faz sentido.
A falta de
projetos não
ajuda
a se sentir bem»



faz sentido. Há vinte anos refleti sobre isso e deixei claro que as leis que relegam os idosos à inatividade são retrógradas e vão contra a corrente, já que, do ponto de vista psicológico, a aposentadoria compulsória é muitas vezes contraproducente. A discriminação, a falta de projetos e a solidão não ajudam a se sentir bem.

O que significa envelhecer bem? O que devemos fazer para sermos mais alegres, positivos e ativos à medida que envelhecemos?

A primeira coisa é nos perguntarmos o que gostaríamos de fazer. Não basta pensar que somos felizes porque alcançamos o que se esperava de nós ou o que nos disseram que traria satisfação, como construir uma família, ter sucesso profissional, dinheiro, uma boa casa. Você deve sempre se perguntar o que faz você se sentir bem a nível pessoal, e até mesmo perguntar a pessoas que te conhecem e sabem em quais situações você é mais feliz. Depois de ter isso bem claro, considero que é preciso se organizar e colocar toda sua vontade para que os planos se concretizem. Devemos aproveitar os anos, tirar o melhor proveito da vida, valorizar nossas faculdades e habilidades e nos deixar ajudar pelas

pessoas que nos amam para que consigamos alcançar essa plenitude.

Você aplica isso a si mesmo?

Sim, claro. O que me deixa feliz é me sentir útil, principalmente na minha área, que é medicina e ciência, e com isso quero dizer ajudar os outros, algo que tem demonstrado fazer muito bem ao mesmo tempo em que melhora a vida de uma pessoa. De fato, quem realiza uma hora de voluntariado por dia tem um humor e um sono melhor. Alguns dias atrás, ajudei uma senhora idosa a sair de um táxi em Nova York. Algo tão simples me fez voltar para casa me sentindo muito feliz.

Em que somos melhores ao longo dos anos?

A vida nos ensina muito, por isso defendo a ideia de que somos melhores com o passar dos anos. Acho que temos uma capacidade maior de autocontrole, temos prioridades mais claras, damos muito mais valor a tudo, não entramos em pânico e não temos tanta pressão externa. Somos mais livres e isso nos faz sentir melhor. Destaco também a experiência, de que sempre se fala, e que é tão útil a nível pessoal, mas também a nível profissional, onde deveria ser mais reconhecida.

«É preciso aproveitar os anos, valorizar nossas habilidades e deixar-nos ajudar para que consigamos alcançar a plenitude»



Você continua correndo maratonas, dá aula na universidade e está prestes a lançar um novo livro. Como você acha que devemos nos preparar (mental e fisicamente) considerando que vamos viver mais?

Bem, para começar, é preciso estar bem informado, especialmente em países onde há estigma social em relação aos idosos. É por isso que recomendo que, quando estiver perto dos 40 ou 50 anos, dê uma boa olhada em como são os maiores de 60, 70 e 80 anos e reflita sobre o que você gostaria de fazer quando chegar a essas idades, como gostaria de se sentir, com quem você gostaria de estar acompanhado. Acho importante analisar todas as opções e planejar as etapas que temos pela frente. E do ponto de vista físico, alimentar-se bem, dormir as horas necessárias, se exercitar e conversar muito, como eu disse antes.

O que se traduz em uma boa saúde mental?

Acima de tudo em ter paz de espírito, em aceitar a si mesmo e aos outros e estabelecer limites razoáveis de realismo. Frente a qualquer sintoma, é preciso levantar a mão. Todos nós precisamos de ajuda em algum momento. É inteligente se dar conta disso e pedir ajuda.

Há cada vez mais crianças e jovens nas clínicas de psicologia e psiquiatria. O que está acontecendo?

Ainda há depressões, mas o que estamos vendo mais é o resultado do impacto da pandemia nos jovens, que se traduz em confusão, incerteza, não saber o que acontecerá com sua educação, com seu futuro. E, claro, o acesso às drogas também está aumentando e, infelizmente, jovens e não tão jovens pensam que isso pode ajudá-los a vencer a ansiedade e o medo. Vemos também que os suicídios e os conflitos familiares aumentaram.

O que você acha de um centro de pesquisas como o da Fundación MAPFRE que valoriza a oportunidade de viver mais?

A verdade é que é extraordinário que exista um centro como o Ageingnomics, que analisa uma realidade que afeta muitas pessoas e que destaca tudo o que os maiores de 50 anos podem contribuir para a economia, o emprego, o consumo e a sociedade em geral. Precisamos que entidades como a Fundación MAPFRE contribuam para dar visibilidade aos idosos, que geralmente gozam de boas condições físicas e mentais e levam uma vida ativa e autossuficiente. É

importante que este tipo de projeto nos lembre disso, pois, infelizmente, na sociedade atual existe uma discriminação cada vez mais generalizada contra os idosos que não é real, que não se baseia em nenhum dado objetivo e que deve ser eliminada.

O que é sucesso para você?

Para mim, sucesso significa estar confortável comigo mesmo e com os outros, ser uma pessoa aberta e comunicativa e, claro, que nada me doa. ✖



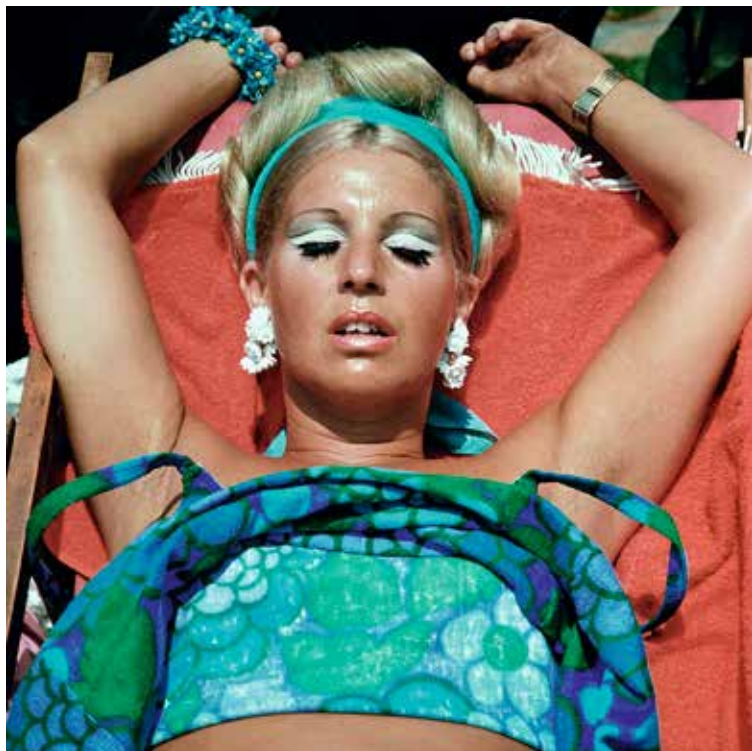
Otimista e com senso de humor

«A mulher espanhola vive muito porque fala muito». É uma frase que Luis Rojas Marcos repete muitas vezes e, sempre que o faz, faz o público rir. Foi assim na última terça-feira, 21 de junho, durante uma palestra onde o médico sevilhano, autor de inúmeros livros, entre eles *Somos lo que hablamos* (2019), veio a Madrid para falar sobre o poder da mente no envelhecimento e explicar como devemos aproveitar os novos desafios oferecidos pelo prolongamento da vida. Durante sua palestra, destacou que as pessoas extrovertidas têm

muitas vantagens, que a esperança é o ingrediente básico do otimismo, que a doença que nos rouba a esperança é a depressão e que para preveni-la é muito importante colocar o centro de controle em você mesmo, ter confiança em situações difíceis e aprender a se adaptar às mudanças. Ele também ressaltou a importância de relembrar os momentos positivos da vida e praticar o senso de humor, fundamental para nos ajudar a superar momentos difíceis.

De acordo com a Unesco, «a cultura é uma dimensão fundamental do processo de desenvolvimento e contribui para fortalecer a independência, a soberania e a identidade». A Fundación MAPFRE investe trabalho e entusiasmo para levar a arte aos cidadãos de todo o mundo.

Arte para todos



Frankfurt

CARLOS PÉREZ SIQUIER

Fotografie Forum Frankfurt

De 14/10/2022 até 15/01/2023

Carlos Pérez Siquier

Marbelha, 1974

© CARLOS PÉREZ SIQUIER, VEGAP, MADRID, 2022

Haia

JUDITH JOY ROSS.

Fotomuseum Den Haag

De 26/11/2022 até 26/03/2023



Judith Joy Ross.

Sem título, Eurana Park, Weatherly, Pensilvânia, 1982

© JUDITH JOY ROSS, COURTESY

GALERIE THOMAS ZANDER, COLOGNE

Las Palmas de Gran Canaria

FRANCISCO DE GOYA.
DESASTRES DA GUERRA.
COLEÇÕES FUNDAÇÃO MAPFRE

Fundación MAPFRE Guanarteme
De 30/09/2021 até o final de dezembro/2023



'Francisco de Goya y Lucientes'
O mesmo, ca. 1810-1814
'Desastres de la Guerra de Francisco de Goya y Lucientes'
© COLEÇÕES FUNDAÇÃO MAPFRE

Pamplona

JORGE RIBALTA
Museu da Universidade de Navarra
De 19/10/2022 até 12/03/2023



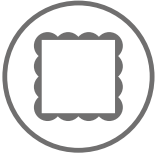
Jorge Ribalta
CCIB, praça de Willy Brandt 11-14, 15 de junho de 2011
Da série «Futurismo»
© JORGE RIBALTA, VEGAP 2021

Gijón

LEE FRIEDLANDER
Antigo Instituto Jovellanos
De 20/10/2022 até 29/01/2023



Lee Friedlander
New York City, 1963
© LEE FRIEDLANDER, COURTESY FRAENKEL GALLERY, SAN FRANCISCO
AND LUHRING AUGUSTINE, NEW YORK



*Sem título (Mulher com Filha), da série
Kitchen Table, 1990*

Carrie Mae Weems. Uma grande volta do possível

TEXTO: ÁREA DE CULTURA DA FUNDACIÓN MAPFRE
IMAGENS: © CARRIE MAE WEEMS, CORTESIA JACK SHAINMAN GALLERY, NEW YORK
E GALERIE BARBARA THUMM, BERLIN

De 6 de outubro de 2022 a 15 de janeiro de 2023 poderá ser visitada a exposição sobre a artista multidisciplinar Carrie Mae Weems (Oregon, 1953), conhecida sobretudo por seu trabalho fotográfico que desenvolve há quase quarenta anos. Esta exposição revê cronologicamente toda a sua obra e pretende destacar a forma como Weems encara a fotografia à frente de seu tempo e projeta sempre as suas imagens no futuro com uma incansável esperança.

Desde que iniciou sua carreira no início dos anos 1980, Carrie Mae Weems (Oregon, 1953) tem dedicado seu trabalho a reformular a identidade da comunidade afro-americana e das mulheres, bem como explorar os mecanismos que se escondem por trás do poder, de quem o detém e sobre quem é exercido. Suas obras, que se concentram na fotografia, mas que ultrapassam os limites do meio e vão da performance ao vídeo e à instalação, apenas para citar algumas disciplinas, são permeadas por um senso de luta contra a injustiça e a violência com a esperança de fazer deste um mundo melhor.

Desde sua primeira série *Family Pictures & Stories* (1978-1984), Weems questiona a história e a visibilidade ou invisibilidade daqueles que contribuíram para sua construção ao tentar subverter, reconfigurar e influenciar o discurso dominante. Nesse sentido, usou dos estereótipos raciais, sexuais e políticos para expressar uma profunda crítica ao sistema e à própria prática artística. A obra de Weems transcende o particular

e reflete sobre um passado complexo que se projeta com esperança no futuro e que conecta diferentes gerações. Em muitas de suas obras, a artista se apresenta como uma nova narradora da história, às vezes literalmente, ao se fotografar nas cenas, de costas, como uma personagem anônima, uma mulher, um corpo negro presente/ausente em uma atitude performativa que a acompanhou ao longo de sua trajetória, desde que estudou dança no início de sua carreira.

A exposição *Carrie Mae Weems. Uma grande volta do possível*, organizada pela Fundación MAPFRE em colaboração com a Foto Colectania e Württembergischer Kunstverein Stuttgart, faz uma viagem cronológica e temática através de suas séries, algumas das quais podem ser vistas na sede da Foto Colectania, como *Kitchen Table* (1990), e *A 22 Million very Tired and Very Angry People* (1991). Além disso, o MACBA (Museu d'Art Contemporani de Barcelona) receberá a instalação *Lincoln, Lonnie and me* (2012), por ocasião desta exposição.



BLACK WOMAN WITH CHICKEN

Mulher Negra com Galinha,
da série *Ain't Jokin'*, 1987-1988

ser submetidas e os usa de forma sarcástica e como crítica para mostrar uma realidade habitual, na segunda, escolhe objetos como saleiros, pimenteiros ou baldes de gelo em forma de pessoas de cor do setor de serviços, que fez muito sucesso nos Estados Unidos, para falar sobre preconceito.

Colored People (1989-1990/2019), From Here I Saw What Happened And I Cried (1995-1996)

Uma das obras mais emblemáticas de Carrie Mae Weems, *Colored People*, é apresentada em sua versão de 2019 e é composta por fotografias de jovens e crianças afro-americanas —a esperança para o futuro—, que a artista posteriormente tingiu de amarelo, azul e magenta. O resultado são belas imagens, mas com um significado complexo. Os matizes fazem alusão aos vários tons de «negros» e chamam a atenção para o racismo hierárquico em torno dessas questões, segundo as quais uma pessoa de cor é «melhor» de acordo com a claridade de sua pele. Mas, sem dúvida, sua profunda investigação sobre o racismo atinge seus níveis mais altos na série *From Here I Saw What Happened And I Cried* (1995-1996). Esta obra, essencial no discurso expositivo e apresentada agora pela segunda vez em toda a Europa, trata de estereótipos e versa sobre o uso

Family Pictures and Stories (1978-1984), Ain't Jokin' (1987-1988), American Icons (1988-1989)

Realizada entre 1978-1984, *Family Pictures and Stories* foi o trabalho de graduação de Carrie Mae Weems em 1984. É composta por uma dezena de fotografias de sua família e das pessoas que cercam a artista em seu cotidiano. Com essas imagens,

Weems tenta oferecer um novo ponto de vista sobre o dia a dia, a identidade, tanto sua quanto da comunidade afro-americana. Essa intenção tem sua continuação em *Ain't Jokin'* (1987-1988) e em *American Icons* (1988-1989). Se na primeira a autora usa as piadas, ridicularizações e comentários habitualmente depreciativos aos quais as pessoas de cor costumam

Carrie Mae Weems dedicou seu trabalho a reformular a identidade da comunidade afro-americana e das mulheres, bem como explorar os mecanismos por trás do poder, de quem o detém e sobre quem é exercido.

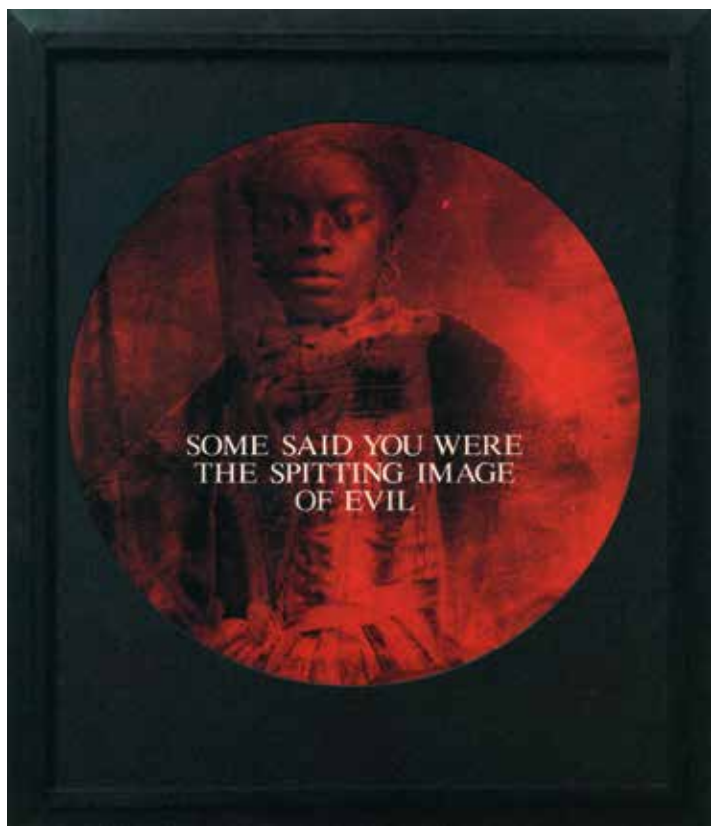
do corpo das pessoas de cor, desde tempos remotos, para fins científicos e antropológicos, e que por isso deixaram ser corpos para se tornarem objetos. Com essa preocupação como base, Weems percorre alguns dos personagens mais emblemáticos da comunidade negra que lutaram pela liberdade e por sua identidade. São trinta e três imagens extraídas principalmente de um arquivo de daguerreótipos de 1850 escravos africanos na Carolina do Sul. Esses retratos foram encomendados por um cientista de Harvard para provar sua teoria de que os negros

eram uma raça inferior e os homens e mulheres retratados nus da cintura para cima ou completamente nus eram apenas espécimes. Todas as imagens são pintadas de vermelho e azul e nelas a autora adicionou frases descritivas como «Tipo preto», «Você é um perfil científico», etc.

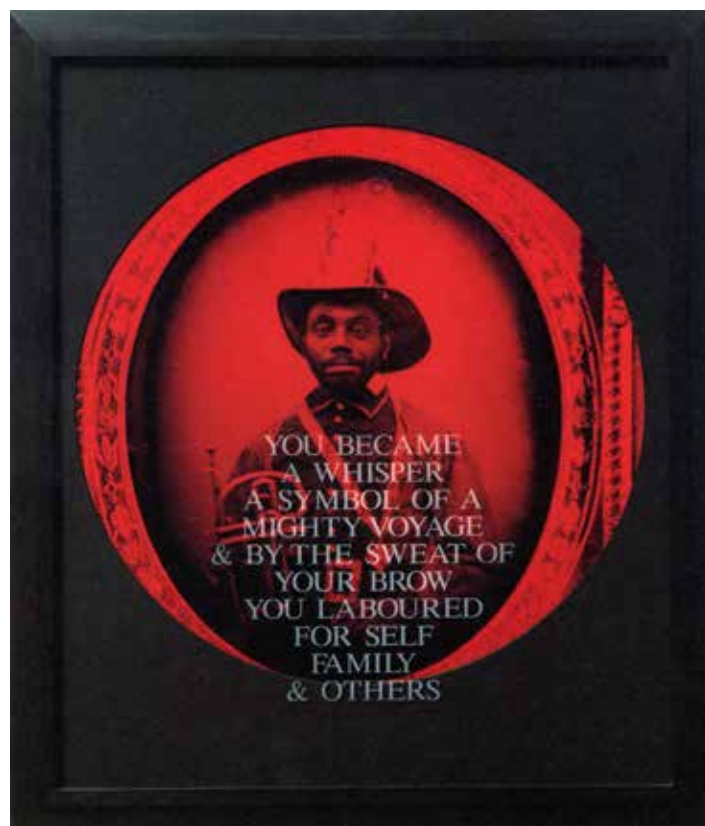
A obra é tanto uma acusação da fotografia como aliada da escravidão quanto uma homenagem àqueles que perderam suas vidas, seus corpos e seus rostos e foram «recipientes» das ofensas cometidas ao longo da história contra a comunidade negra em nome da ciência.

Not Manet's Type (2010), Framed By Modernism (1997), Museums (2006)

Nestas séries Weems esquadriinha a própria história da arte e sua tentativa de criar modelos universalistas nos quais todos deveríamos nos encaixar. Em *Framed By Modernism*, feita em colaboração com o pintor Robert Colescott, Weems entra na obra de arte para denunciar o fato de que o corpo da mulher negra nunca foi o escolhido pela história da arte como modelo, comparado ao corpo branco. *Not Manet's Type* convida o espectador a espiar o próprio



Alguns diziam que você era a verdadeira cara do mal, da série *From here I saw what happened and I cried*, 1995-1996



Você se tornou um sussurro, um símbolo de uma jornada poderosa, e com o suor do seu rosto você trabalhou para si mesmo, para sua família e para os demais, da série *From here I saw what happened and I cried*, 1995-1996

quarto de Weems e contemplar seu corpo de forma voyeurística para denunciar com frases afiadas —que ela coloca embaixo da fotografia e que remetem a grandes artistas como Picasso, Willem de Kooning o Marcel Duchamp—, como a história da arte, mais uma vez, deixou de lado os criadores negros e especificamente as mulheres.

Este tipo de denúncia se repete em *Museums* (2006),

desta vez dirigida contra as próprias instituições culturais. Esta última série introduz uma angústia muito palpável no espaço: uma musa enigmática, que supomos ser a própria artista, caminha pelo espaço vestida de preto e sempre de costas. A figura humana é ofuscada pela grande arquitetura que compõe o British Museum, a Galleria Nazionale D'Arte Moderna e o Philadelphia

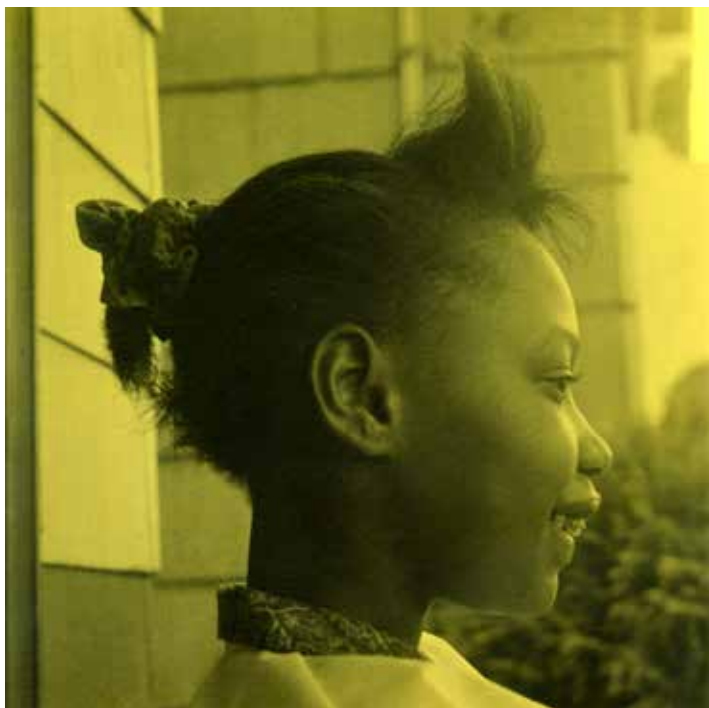
Museum, diante da qual caminha calmamente, talvez porque depois de muito tempo se sinta acolhida nessas quase igrejas da arte.

Slave Coast (1993), Africa Series (1993), Sea Islands (1991-1992), Africa: Gems & Jewels (1993-2009)

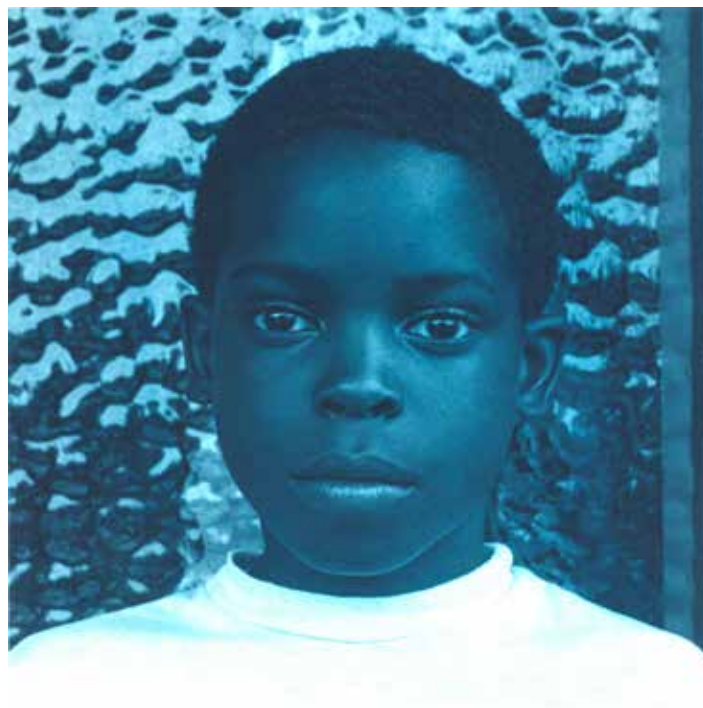
Essas obras abordam a arquitetura como um lugar da diáspora africana, em torno do tráfico de escravos africanos



Guggenheim Bilbao, da série Museums, 2006



Garota amarela dourada, da série *Untitled (Colored People)*, 2019



Garoto negro azul, da série *Untitled (Colored People)*, 2019

através do Oceano Atlântico, o legado de uma África como lugar comum. Em *Slave Coast*, Weems retrata a arquitetura de adobe em torno das Cidades Antigas de Djenné, no Mali. Algumas construções desoladas que dialogam com as da série *Africa*, 1993. Com uma linguagem poética, Weems invoca o tráfico de escravos com uma visão livre de sentimentalismo em *Sea Islands*. A artista se interessou pela cultura *Gullah* das ilhas da Geórgia e Carolina do Sul enquanto estudava folclore na Universidade da Califórnia. Os *Gullah* são um grupo distinto de afro-americanos que conseguiram preservar sua herança cultural africana e manter uma língua crioula

semelhante à de Serra Leoa. Ao mostrar esse tipo de detalhe, Weems nos apresenta uma herança cultural persistente e desconhecida que foi eliminada do que chamamos de «discurso dominante». Quase cinquenta anos depois, Weems abordará *Africa: Gems & Jewels*, onde se concentrará em diferentes personagens, principalmente jovens que hoje vivem nesses mesmos lugares.

Constructing History (2008), Heave: A Case Study Room (2022), The Push, The Call, The Scream, The Dream (2020), All The Boys (2016)

Constructing History: A Requiem to Mark the Moment (2008) é uma investigação que Weems

iniciou em 2008 juntamente com seus alunos do Savannah College of Art and Design em que recriaram diferentes momentos de violência política do passado. Os alunos «encenaram» assim, alguns dos assassinatos mais emblemáticos de políticos como John F. Kennedy, Malcolm X, Martin Luther King e Benazir Bhutto. Em 2018, como continuação desse trabalho e frente às hostilidades que continuavam acontecendo no mundo e especificamente nos Estados Unidos contra a comunidade negra, Weems continuou abordando e combatendo crimes de ódio e extremismo em *Heave: Part I-A Case Study (A Quiet Place)* (2018) e *Heave: Part II*, que recriou



Mahalia, da série *The Push de Call the Scream the Dream*, 2010



Slow Fade to Black (Josephine Baker), da série *Slow Fade to Black*, 2009-2011

hoje para o KBr. Em *Heave*, cujo título parece evocar a cadência da respiração, Weems revisa a incessante violência sistêmica e estrutural contra os negros americanos, usando referências que vão desde os Panteras Negras até a arte tradicional africana, incluindo também obras de artistas contemporâneos que a artista admira e que dedicaram sua práxis a explorar a subjetividade negra. Esta «sala», está repleta de objetos pertencentes à esfera cotidiana dos norte-americanos que denotam violência estrutural.

Como ela mesma aponta: «Não abordo constantemente a história da violência porque quero, mas porque realmente me sinto compelida a fazê-lo. Minha formação, minha cultura, meus problemas junto com a cor da minha pele, a forma como sempre fui marcada ao longo do tempo me obriga a fazê-lo de alguma forma».

All The Boys (2016) repete o estereótipo por excelência da juventude negra masculina — um jovem negro com capuz— que aparece em um díptico junto a uma ficha criminal, quase idêntica em

tamanho ao retrato do homem cujo rosto foi violentamente apagado... por causa dos preconceitos acumulados sobre ele. Por sua vez, *The Push, The Call, The Scream*, foi originalmente criado em resposta à morte de John Lewis, líder dos direitos civis nos Estados Unidos. Este trabalho foca, sobretudo, em momentos coletivos de protesto, luto e ação. Como forma de recontextualizar e seguir seu costumeiro gosto pela apropriação, Weems utiliza fotografias históricas de 1963 da marcha contra a segregação racial das crianças de Birmingham, Alabama, e do

Suas obras são movidas por um senso de luta contra a injustiça e a violência com a esperança de poder fazer deste um mundo melhor.

funeral do ativista dos direitos civis Medgar Evers, assassinado pelo White Citizens' Council. Algumas das fotografias, parecidas com as de *Colored people*, mas em rosa e azul, evocam delicadeza e cuidado, e traçam uma linha que une o passado e o presente para que o espectador possa confrontar o momento histórico que está vivenciando.

Slow Fade to Black (2009-2010), Blue Notes (2014-2015)

Em *Slow Fade to Black*, Weems apresenta uma série de políticos e artistas afro-americanos do século XX, figuras públicas, cantores de jazz, escritores e dançarinas como Josephine Baker. Uma vez que Weems tira uma foto da imagem original, ela as altera, e neste caso as desfoca, para chamar a atenção para o desaparecimento da memória desses indivíduos na memória coletiva. Este método de trabalho também é usado em *Blue Notes*, onde continua o trabalho iniciado em *Colored People* e *All the Boys*.

No desejo de continuar trabalhando a identidade, *Blue Notes* também nos mostra diferentes indivíduos de cor pertencentes à cultura popular, como é o caso do pintor Jean Michel-Basquiat, neste caso com o rosto riscado por sólidos blocos de cor. O «vandalismo» que Carrie exerce sobre seu próprio

trabalho permite ao espectador refletir e criticar ao mesmo tempo a escassa presença de artistas negros na história americana.

Roaming (2006)

Com um longo vestido preto que identificamos como a musa da artista, como mencionamos anteriormente, Weems reflete sobre a experiência humana em *Roaming*, criada durante sua estada na Academia Americana em Roma. Weems usa seu próprio corpo para conduzir o espectador pelo espaço e incentivá-lo a participar dessa peregrinação contemplativa por alguns dos lugares mais

emblemáticos da capital italiana. Sobre a figura da musa, Weems declarou: «Esta mulher pode representar a mim e a ti; te conduzir à história, é testemunha e guia». Estas fotografias, nas quais a autora aparece diante de alguns dos monumentos marcantes da nossa história, evocam uma sólida sensação de passagem do tempo, bem como a insignificância do ser humano perante os grandiosos monumentos que o rodeiam. O interesse de Weems em como a arquitetura civil e eclesiástica e edifícios quase espectrais podem controlar os indivíduos, se torna muito evidente aqui. ✕



A beira do tempo. Roma Antiga, da série Roaming, 2006



KBr Flama

TEXTO:ÁREA DE CULTURA DA FUNDACIÓN MAPFRE

A *KBr Flama* nasceu com o firme propósito de dar visibilidade aos mais jovens talentos formados nas escolas de fotografia de Barcelona. Para atingir este objetivo, o centro de fotografia KBr Fundación MAPFRE conta com a cumplicidade essencial de Grisart, Idep Barcelona, IEFC e Elisava, Faculdade de Design e Engenharia de Barcelona, quatro entidades acadêmicas comprometidas com o ensino e o estudo da fotografia.

A exposição *KBr Flama'22* é a segunda edição deste projeto e apresenta as obras de **Nanouch Congost** (Girona, 1999), **Guillermo Fernández**

(Granada, 1991), **Jordi Miquel Riera** (Girona, 1977) e **Sílvia Parés** (Vic, 1997). Seus projetos foram selecionados através de um minucioso processo de avaliação,

no qual participou o júri formado por Horacio Fernández, Carles Guerra, Joana Hurtado e Arianna Rinaldo.

«Papa» Nanouch Congost

«*Papa*» é um projeto que surge da busca interior da minha própria identidade. Um belo dia estou observando o meu entorno quando me dou conta da influência que meu relacionamento com meu pai teve no desenvolvimento da minha personalidade. A partir da aceitação desse fato, começo a analisar qual é a realidade dessa relação e o que significa ter, em geral, uma influência tão direta quanto a de um pai em nosso comportamento, mesmo no caso de um pai ausente.

A necessidade de saber que tipo de comportamentos se dão nessa relação me leva a descobrir um processo que se repete em todas

as relações pai-filho ao meu redor, ou seja, identifico um padrão que me leva a conhecer mais sobre cada história e tentar descobrir por que a maioria das relações, apesar das diferentes personalidades e circunstâncias envolvidas em cada uma, sempre segue esse padrão, e principalmente em ordem cronológica. Pode-se dizer que toda relação pai-filho passa por várias fases, que podem ser resumidas em três: idealização, decepção, aceitação. Percebi que, muitas vezes, o que não gostamos ou mesmo o que consideramos ser “o problema” que temos com nossos pais são aspectos que incorporamos à nossa personalidade. Somos o reflexo do que vemos nos outros?

O projeto consiste em uma série de entrevistas nas quais pedi a cada um dos participantes exatamente a mesma coisa: que mostrassem uma fotografia antiga de seu pai e que fizessem uma descrição totalmente livre de quem ele era. Ao final, eu tirava uma foto do entrevistado. Durante a pose, eu os convidava a fechar os olhos e pensar em uma série de momentos específicos da infância e de hoje com seu pai; depois perguntava-lhes como se sentiriam se lhes dissessem que estão presos aos seus pais e, assim que abriam os olhos, eu os fotografava».

Nanouch Congost
Girona, 1999

É formado inicialmente na Escola d'Art i Superior de Disseny d'Olot (Girona). Durante o confinamento devido à

Nanouch Congost
Explorar, série «Papa», 2021
 © Nanouch Congost

COVID-19, apresentou um projeto na escola Grisart em Barcelona, pelo qual recebeu uma bolsa para estudar Fotografia no referido centro. Seu interesse por essa disciplina o leva a buscar constantemente oportunidades para ampliar seus conhecimentos. Depois de se formar, criou, juntamente com dois colegas especializados em outras áreas, um estúdio criativo online, o Oceania Creative Studio, com o qual trabalha para diversas marcas. Participou duas vezes do festival Mot em Girona, Olot e Igualada com projetos colaborativos, e expôs a série «Papa» no festival FineArt Igualada.



Los santos inocentes Guillermo Fernández

«Granada, a cidade da Alhambra, é uma das mais visitadas da Europa, e também uma das mais atingidas pelos efeitos da crise econômica que eclodiu em 2008. Uma crise que atingiu toda uma série de jovens que passaram a ser para a história «a geração perdida», forçada a ganhar a vida nas costas do sistema.

O fim de uma era, a do esplendor econômico anterior ao estouro da bolha imobiliária, marcou o início de outra, a da ascensão de Granada, que voltou a ser um «reino»: o reino da maconha, um novo fenômeno que na verdade não é tão novo assim. Na verdade, é composto pelos mesmos ingredientes daquele retratado por Miguel Delibes em *Los santos inocentes*: um setor



oprimido, água, terra e luz. A luz no fim do túnel. Ou o túnel no final da luz.

Com este projeto busco as semelhanças entre o passado e o presente, entre aquela época esquecida e a atual, entre o sistema

Guillermo Fernández
 Série *Los santos inocentes*, 2019
 © Guillermo Fernández

imposto por aqueles caciques que educavam seus trabalhadores na aceitação de normas e este, que se autoimpõe a milhares de jovens



Guillermo Fernández
Série *Los santos inocentes*, 2019
© Guillermo Fernández

a aceitação de que não há futuro para eles.

O projeto explora a passagem da noite para o dia em uma área rural carente perto de Granada. Começa com uma série de paisagens noturnas de olivais, caminhos rurais e cortiços típicos iluminados por uma luz artificial que nos indica

o caminho a seguir e serve de ligação entre os diferentes cenários propostos. A trama culmina com o amanhecer, quando a luz natural substitui a luz artificial e «ilumina» a realidade escondida por trás da noite.»

Guillermo Fernández

Granada, 1991

Graduou-se em Belas Artes pela Universidade de Granada e obteve um mestrado em Fotografia e Design

pela Elisava, Faculdade de Design e Engenharia de Barcelona. Seu interesse pela fotografia foi despertado depois de descobrir a obra de artistas americanos como Martha Cooper e Henry Chalfant. Durante seus estudos na Universidade de Granada, desenvolveu seus primeiros projetos artísticos. Sua obra, com forte carga social, gira em torno da natureza das pessoas e de seu contexto. Atualmente, combina a paixão pela fotografia, que usa como principal forma de contar histórias, com a direção de arte.

Modus imaginis

Jordi Miquel Riera

«*Modus imaginis* —tom da imagem, em latim— é um projeto fotográfico que nasceu da reflexão sobre os processos

de criação artística no campo da fotografia. Especificamente, o projeto surgiu da vontade de explorar os limites da

expressão fotográfica e suas possibilidades de estimular os sentidos. Ao longo da história da arte, vários criadores



Jordi Miquel Riera
Série *Modus imaginis*, 2015-2022
© Jordi Miquel Risse

desenvolveram suas obras a partir do vínculo estabelecido entre a expressão artística e as sensações físicas. O texto a seguir, do escritor Josep Palau i Fabre sobre Picasso, fala sobre as fronteiras entre os sentidos e a criação artística:

“Picasso nos fez cúmplices desde o primeiro momento. Porque a preponderância de um sentido sobre os demais é um fato plenamente admitido, mas que deveria nos surpreender. Vivemos com os cinco sentidos e com a inteligência. A primeira vez que um homem ousou traçar uma imagem sobre um muro, a reação dos outros deve ter sido assim, mas não fala, não emite nenhum som, não tem cheiro próprio... é essa falta inicial que exige cumplicidade do espectador. A consciência de que, no ato criativo, parte-se dessa base é o que faz de Picasso um verdadeiro criador, porque desperta e põe em questão o próprio problema da criação. No entanto, assumir que um desenho é um desenho, uma pintura uma pintura, como se fossem somente formas de se expressar — como se não fossem eles próprios uma transposição— é o que pode nos levar imediatamente à rotina”¹.

Assim, não há dúvida de que, para chegar ao fundo de uma criação artística, todos os sentidos desempenham um papel importante. Partindo

¹ Josep Palau i Fabre, *Quaderns de l'Alquimista*, Barcelona: Edicions Proa, 1997, pp. 386-87.

Jordi Miquel Riera
 Série *Modus imaginis*, 2015-2022
 © Jordi Miquel Risse

desse quadro conceitual, *Modus imaginis* relaciona os dois sentidos que mais têm em comum: visão e audição, pois ambos são capacidades sensoriais que se transmitem por meio de ondas, luminosas no primeiro caso e sonoras no segundo. Assim, o projeto explora as possibilidades da fotografia para capturar momentos, não apenas visuais, mas também sonoros. Trata-se, portanto, de criar uma espécie de sinestesia em que a visão e a audição se juntam, alterando a percepção de um setor sensorial ao acompanhá-lo com as percepções de outro setor sensorial.

A representação visual e fotográfica da sonoridade acarreta uma dificuldade óbvia: representar algo que, propriamente dito, não pode ser visualizado. Por isso, *Modus imaginis* parte de uma exploração dos sons *através* da fotografia, como se esta fosse um meio para captá-los com maior profundidade. Nesse sentido, também visa transmitir as sensações provocadas no momento de captá-las ou vivenciá-las. Por isso, foi dada especial atenção aos sons primigênicos, como o da água ou do vento, por exemplo, presentes no meio natural desde o início dos tempos.

Por outro lado, *Modus imaginis* também desenvolve o processo



inverso: transmitir um som a partir apenas da imagem. Este procedimento é útil para indagar os limites da criação fotográfica. Assim, as fotografias incluídas nesta série visam representar ou despertar um som no imaginário auditivo do espectador. Desta forma, a composição da série fotográfica deve ser interpretada, graças à sugestão auditiva, como

se fosse uma pauta visual, ou seja, como uma composição musical. Esta exploração parte de uma análise do imaginário visual e sonoro que as pessoas vão adquirindo e modificando graças à experiência e ao conhecimento prévio. Um imaginário que nos faz interpretar o que percebemos de uma certa maneira, e sempre subjetiva.

Por último, surgiu o interesse em investigar a dimensão física do som. As ondas sonoras têm uma energia, uma dimensão no espaço que, de certa forma, pode ser considerada a própria matéria de que são feitas. Por isso, nesta série procurou-se registrar e capturar de forma plástica e visual a transformação da sonoridade em matéria.

As fotografias de *Modus imaginis* partilham a mesma estética visual, em que a cor preta e a escuridão adquirem grande relevância. Esta tonalidade permite-nos vislumbrar o que está

escondido e, ao mesmo tempo, permite-nos ver o que se quer mostrar. É uma estética que deixa espaço para suposições, uma qualidade essencial em um projeto que procura sugerir ao invés de determinar. O preto foi o tom, a nota através da qual o projeto foi refinado e desenvolvido. O título, *Modus imaginis*, adquire assim todo o seu significado: o tom da imagem».

Jordi Miquel Riera

Girona, 1977

Formou-se em Fotografia no Institut d'Estudis Fotogràfics de Catalunya

(IEFC) em 2017, especializando-se em Positivção com procedimentos antigos, Paisagem e Ambiente, e Figura e Nu. Mas sua carreira como fotógrafo começou bem antes. Em 2010 participou de um *workshop* da Sony World Photography Awards, em Cannes. Nesse mesmo ano, seu projeto *Pulso propio* é selecionado para o Emergent-Lleida, Festival Internacional de Fotografia e Artes Visuais. Em 2012 apresentou *10^10^118* (10 elevado a 10 elevado a 118 metros) na série *El Projector* da Fundació Foto Colectania de Barcelona. Em 2016 expôs *La memoria del cuerpo* no Centro de Pesquisa e Produção de Artes Visuais Hangar de Barcelona. Em 2017 foi finalista no V Premio Galicia de Fotografía Contemporánea. Em 2019, sua exposição individual *Ser Tierra* é realizada no Espai 22, Girona.

Owning the Weather

Sílvia Parés

«Em 2018, começo a navegar entre o claro-escuro definido pela conspiração das chamadas *chemtrails* (trilhas químicas liberadas pelos motores das aeronaves) e os fatos narrados pela história da engenharia climática. Começo uma busca online por documentos, fotos e vídeos provenientes de *sites* oficiais, mas também de fóruns que contêm informações completamente implausíveis. Paralelamente, e de um ponto de vista cético, visito e fotografo vários radares meteorológicos e instalações de controle aéreo na Catalunha. Posteriormente, seleciono e reorganizo o material obtido para decifrar e reimaginar o fenômeno da manipulação climática através de diversos formatos. Em

uma linha do tempo, encadeio cronologicamente imagens do arquivo acompanhadas de uma peça audiovisual que ilustra a semeadura de nuvens, uma técnica de geoengenharia ainda usada em vários países do

mundo. Esses fatos históricos são confrontados com o universo visual e conceitual que orbita nas teorias da conspiração, estabelecendo assim dois polos entre os quais se cria um espectro de versões alternativas. A partir



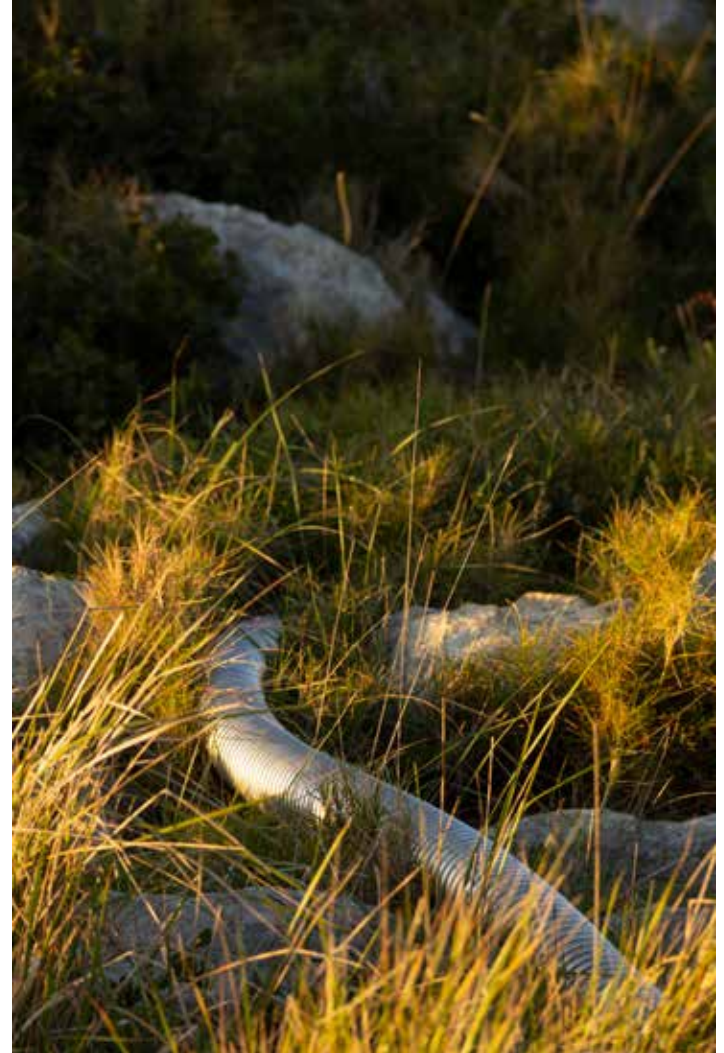
Sílvia Parés
Owning the Weather, 2019-2020
© Sílvia Parés



Sílvia Parés
Owning the Weather, 2019-2020
© Sílvia Parés



Sílvia Parés
Owning the Weather, 2019-2020
 © Sílvia Parés



Sílvia Parés
Owning the Weather, 2019-2020
 © Sílvia Parés

deste espaço mental proponho uma obra de arte generativa que convida a projetar novos imaginários sobre o futuro do clima, longe da narrativa apocalíptica utilizada pela indústria audiovisual e pela mídia. O projeto combina imagem, texto e arte generativa para explorar o passado, pensar no presente e imaginar o futuro dos nossos céus.»

Sílvia Parés Vic, 1997

Graduou-se em 2020 em Fotografia e Mídia Audiovisual no Idep Barcelona, onde também concluiu uma pós-graduação em Ilustração Aplicada. Ligada ao longo destes anos ao mundo das artes visuais, utiliza a fotografia para falar de questões ambientais e geopolíticas. Interessa-se pela questão das mudanças climáticas e desenvolve projetos por meio dos quais busca cenários alternativos que permitam a diversificação e ampliação

de imaginários coletivos sobre o futuro do planeta, imaginários atualmente confinados à literatura apocalíptica. Em 2019 colabora como fotógrafa na equipe do projeto *Chronicle of the birth, growth and death of a cloud* [Crônica do nascimento, crescimento e morte de uma nuvem] do artista Pep Vidal. ✕



González, Picasso e a desmaterialização da escultura

TEXTO:ÁREA DE CULTURA DA FUNDACIÓN MAPFRE

De 23 de setembro de 2022 a 8 de janeiro de 2023, a exposição poderá ser visitada na Sala Recoletos da Fundación MAPFRE em Madri. *Julio González, Pablo Picasso e a desmaterialização da escultura* sobre a colaboração entre os dois artistas que os levou a criar um projeto de escultura desmaterializada, «uma profunda estátua de nada, como a poesia, como a glória».

Entre 1928 e 1932, Julio González e Pablo Picasso colaboraram artisticamente para a realização do monumento em memória a Guillaume Apollinaire que a comissão formada por sua viúva, Jaqueline Apollinaire, os poetas André Billy e André Salmon, entre outros, encomendou ao artista de Málaga. Este trabalho conjunto, que Picasso começou a realizar apenas quase dez anos após a morte de seu amigo, falecido em 1918, tem sido considerado tradicionalmente como o momento que deu origem a um novo tipo de escultura: a escultura em ferro. Esta nova forma de trabalhar o metal desempenhou um papel importante na produção artística das décadas centrais do século XX e seria considerada o equivalente escultural do Expressionismo Abstrato e do Informalismo; em outras palavras, o momento em que a escultura abstrata é criada. A segunda premissa a partir da qual este tema é normalmente

tratado é a decisão de limitar o questionamento nos limites do pequeno conjunto de obras produzidas em colaboração pelos dois artistas (onze esculturas, sete delas, pequenos esboços) feitos em quinze ou vinte sessões de trabalho ao longo de quatro anos. Se a exposição *Julio González, Pablo Picasso e a desmaterialização da escultura* apresentada pela Fundación MAPFRE mostra algo, é que a questão é muito mais complexa, que permite uma melhor compreensão desta relação e que aborda problemas fundamentais na consolidação e compreensão da escultura contemporânea.

Como Tomás Llorens, curador da exposição salientou, «quando estudamos de perto, fica claro que as obras resultantes da colaboração entre Picasso e González respondem aos incitamentos da época em que foram criadas, mais que a um desejo de antecipação histórica. E estes incitamentos, o clima artístico e cultural de seu tempo, eram profundamente diferentes daqueles que marcariam o período pós-guerra». Se por um lado estas peças foram o resultado do clima artístico de Paris na virada de século e do Cubismo pós-Picasso, que respondeu ao impulso de transparência e desmaterialização

Pablo Picasso

Mujer en el jardín, París, primavera de 1930

Hierro soldado y pintado de blanco, 206 x 117 x 85 cm

Musée National Picasso-Paris

Dación Pablo Picasso, 1979

MP267

© Sucesión Pablo Picasso. VEGAP, Madrid, 2022

Foto © RMN-Grand Palais (Musée national Picasso-Paris) / Adrien Didierjean / Mathieu Rabeau

FALTA



Pablo Picasso
Los miserables (Pobreza), 1903
 Tinta a pluma y acuarela azul sobre papel, 37,5 x 26,7 cm
 The Whitworth, The University of Manchester
 Donación de A. E. Anderson a través de la Fundación D.1928.40

© Sucesión Pablo Picasso. VEGAP, Madrid, 2022
 Foto: Image © the Whitworth, The University of Manchester
 Photography by Michael Pollard

Julio González
Paysanne à la chèvre [Camponesa com cabra], 1906
 Óleo sobre tela, 54 x 38 cm
 Centre Pompidou. Musée National d'Art Moderne / Centre de Création Industrielle, Paris
 Doação de Mme. Roberta González, 1964
 AM 4233 P

Foto © Centre Pompidou, MNAM-CCI, Dist. RMN-Grand Palais / Georges Meguerditchian

adotado por Juan Gris, Henry Laurens, Jacques Lipchitz e Alexander Archipenko, não podemos esquecer que na Barcelona modernista dessa época houve uma profunda mudança na visão das artes decorativas, que foram equiparadas às artes plásticas, levando a seu renascimento e,

como consequência, da forja de ferro.

As carreiras artísticas de Picasso e González foram bastante diferentes, embora culturalmente próximas. Amigos desde muito jovens, os dois viveram na Barcelona modernista do início do século XX, trabalharam em Paris durante as três primeiras

décadas e mantiveram um vínculo que só seria interrompido com a morte de González em 1942. Sua colaboração artística é analisada nesta exposição considerando o background e preocupações comuns, bem como o impacto que deixou em suas respectivas obras individuais. No caso de González, este trabalho conjunto deu

origem a uma série de esculturas desmaterializadas, a uma linha criativa que «permite fortalecer a fantasia e a imaginação como chaves de sua poética pessoal» – palavras de Tomàs Llorens—; no caso de Picasso, aprender as possibilidades de forjar e soldar ferro, assim como criar algumas das esculturas mais importantes do século passado, por exemplo, *Mulher no jardim*.

O discurso expositivo, que nos permite traçar o trabalho conjunto destes dois grandes artistas do século XX e sua transcendência para a escultura moderna, é dividido em oito seções e começa cronologicamente pelo final, com um capítulo que é também uma homenagem.

I. Picasso 1942: homenagem a Julio González

Julio González morreu de repente em sua casa em Arcueil, em 27 de março de 1942. Apenas uma semana após a morte de González, Picasso criou uma série de natureza-morta que, em palavras do próprio artista, representavam «a morte de González»; este é o caso de *Cabeça de touro* que abre a exposição. Uma *vanitas* e uma homenagem póstuma ao amigo e sua obra. Basta olhar para a pureza estrutural do crânio pintado,

que faz lembrar as esculturas de González.

Além disso, esse crânio —com suas conotações evidentes na cultura espanhola— nos leva a outra homenagem, um pouco mais tarde: a montagem do guidão e do selim de bicicleta que também recebe o nome de *Cabeça de touro*. Ambas as obras servem como uma evocação

não apenas da amizade, mas também do respeito e admiração que existia entre os dois artistas.

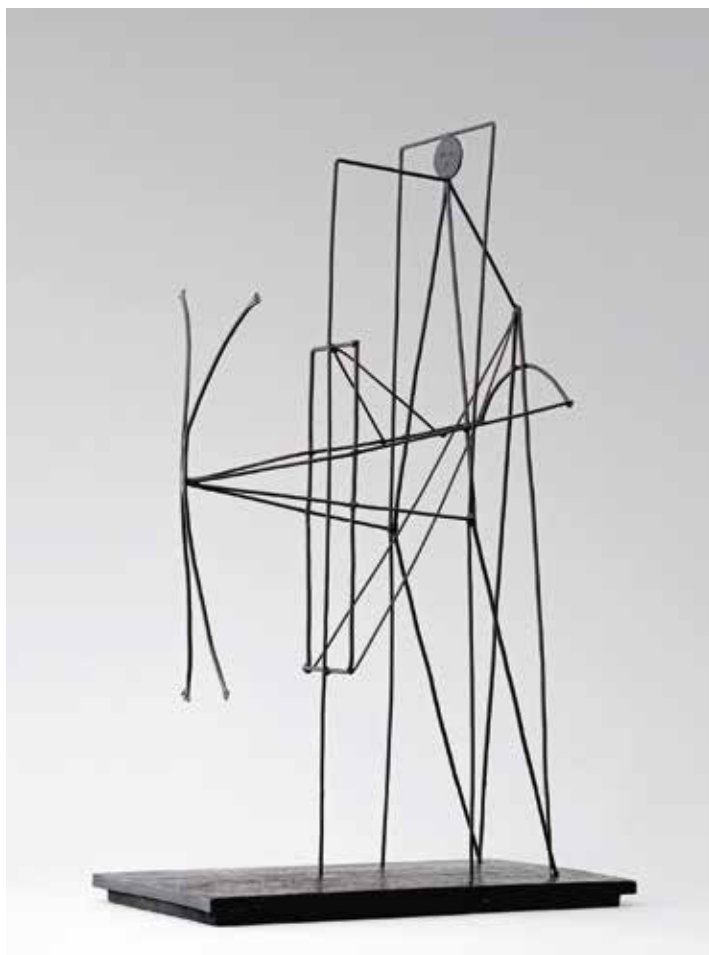
II. Picasso, González e o modernismo catalão tardio (Barcelona, c. 1896-1906)

No final do século XIX vários debates foram realizados na Barcelona modernista, que



Pablo Picasso
Cabeça de touro, 1942
 Óleo sobre tela, 116 x 89 cm
 Pinacoteca di Brera, Milão
 Doação de Emilio e Maria Jesi, 1984
 5465

© Sucessão Pablo Picasso. VEGAP, Madri, 2022
 Foto © Pinacoteca di Brera, Milão



Pablo Picasso
Figura: proyecto para un monumento a Guillaume Apollinaire, París, otoño de 1928
 Alambre y chapa, 59,5 x 13 x 32 cm
 Musée National Picasso-Paris
 Dación Pablo Picasso, 1979
 MP265
 © Sucesión Pablo Picasso. VEGAP, Madrid, 2022
 Foto © RMN-Grand Palais (Musée national Picasso-Paris) / Adrien Didierjean

FALTA



Pablo Picasso
Cabeça de mulher, Boisgeloup, 1931-1932
 Bronze, 128,5 x 54,5 x 62,5 cm
 Musée National Picasso - Paris.
 Doação Pablo Picasso, 1979
 MP302
 © Sucesión Pablo Picasso. VEGAP, Madri, 2022
 Foto © RMN-Grand Palais (Musée National Picasso-Paris) / Mathieu Rabeau

tiveram um forte impacto na obra de artistas como Isidre Nonell, Joaquim Mir, Pablo Gargallo, Ricard Canals ou Carles Mani — colaborador de Gaudí na época —, assim como na dos jovens Pablo Picasso e Julio González, entre outros. Duas premissas mudaram o curso da arte e da cultura neste período. Por um lado, a linha que separava as artes plásticas das artes decorativas começou a ser

debetida, com um conseqüente renascimento destas últimas. Por outro lado, a defesa de uma arte que respondesse às necessidades sociais de seu tempo, o que significava uma evidente preocupação dos artistas e intelectuais com os problemas sociais da modernidade. Muitos deles, considerados modernistas tardios, se envolveram com a situação dos mais desfavorecidos, os pobres e marginalizados.

Esteticamente, logo se afastaram do simbolismo incipiente e defenderam um naturalismo e um certo primitivismo em que ressoavam ecos de Puvis de Chavannes, Gauguin, Auguste Rodin e particularmente El Greco, como pode ser visto nas ciganas mais populares de Nonell, as obras do «período azul» de Picasso, *Os degenerados* de Mani ou na *Maternidade* de González.

III. Precedentes da desmaterialização da escultura: cubismo cristalino e purismo (Paris, c. 1918-1925)

Tradicionalmente, considera-se que González chegou à desmaterialização da escultura através do cubismo de Picasso. No entanto, sabemos que os amigos, instalados em Paris, perderam o contato entre 1908 e 1921. Este fato torna possível que, embora González tivesse visto as esculturas cubistas mais desmaterializadas do artista de Málaga — realizadas entre 1912-1914 — foi a influência dos cubistas tardios, agrupados no chamado movimento purista, surgido em 1918 (entre eles, Amédée Ozenfant, Albert Gleizes, Henri Laurens ou Juan Gris), que levou o artista catalão a estudar a escultura metálica e a desmaterialização dos volumes.

IV. A desmaterialização na tradição cubista (Paris, c. 1924-1930)

De Gaudí a Le Corbusier, uma das maiores preocupações da arquitetura durante as primeiras décadas do século passado foi a necessidade do que Tomàs Llorens denominou «transparência». Esta questão de transparência logo afetou também

a escultura, e muitos artistas antes de Picasso e González abordaram o assunto. Pablo Gargallo, grande amigo do artista catalão, o primeiro Giacometti ou Jacques Lipchitz, passaram do cubismo redondo para este tipo de peça desmaterializada. Também na

escultura cubista por excelência, a *Guitarra* de Picasso, realizada em 1924 —por volta da mesma época em que o monumento a Apollinaire foi encomendado—, esta tendência de desmaterializar volumes também pode ser observada.



Pablo Picasso
Guitarra, Paris, 1924
Chapa recortada e dobrada, caixa de ferro branco e arame pintado, 111 x 63,5 x 26,6 cm
Musée National Picasso - Paris.
Doação Pablo Picasso, 1979
MP260

© Sucessão Pablo Picasso. VEGAP, Madri, 2022
Foto © RMN-Grand Palais (Musée National Picasso-Paris) / Adrien Didierjean



Julio González
Femme se coiffant I
 [Mulher penteando o
 cabelo I], 1931
 Ferro forjado e soldado,
 168,5 x 54 x 27 cm
 Centre Pompidou.
 Musée National d'Art
 Moderne / Centre de
 Création Industrielle,
 Paris
 Doação de Mme.
 Roberta González, 1953
 AM 951 S
 Foto © Centre Pompidou,
 MNAM-CCI, Dist. RMN-
 Grand Palais / Philippe
 Migeat

V. A colaboração de González com Picasso (Paris, 1928-1932)

A colaboração entre González e Picasso começou em setembro de 1928 e deu origem a um conjunto de esculturas em metal nas quais a força criativa do artista tomou forma graças ao domínio da técnica de González. O processo de trabalho conjunto se prolongou no tempo e finalmente não se materializou, pelo menos não da forma prevista, pelas contínuas diferenças com o comitê que tinha

encomendado a peça e que esperava um monumento de natureza tradicional. Depois de muitas análises e algumas peças como *Cabeça* (1928) ou a maquete do que hoje conhecemos como *Figura: projeto para um monumento a Guillaume Apollinaire*, basicamente uma jaula estreita e alta realizada com arames cortados, como barras em miniatura, em 1929, Picasso e González começaram a trabalhar em *Mulher no jardim*, uma espécie de mulher-pássaro com um olho e o

cabelo ao vento. Quando terminada, no final dos anos trinta, Picasso pintou a peça de branco. Esta escultura é o mais próximo ao que o artista de Málaga tinha criado para o monumento dedicado a Apollinaire; nunca foi colocada no lugar para o qual estava destinada, e ele a conservou em seu castelo de Boisgeloup junto com outra versão que pediu a González para fazer, neste caso em bronze forjado.

VI. González: explorações na escultura metálica (Paris, 1930-1932)

Após seu trabalho conjunto, González não abandonou suas pesquisas sobre a desmaterialização da escultura, mas também não se voltou apenas para a abstração. Pelo contrário, durante os anos trinta ele combinou em suas pesquisas um certo realismo e primitivismo, com suas camponesas e sua posterior evolução para *A Montserrat* — como podemos observar, por exemplo, em suas máscaras de ferro—, juntamente com o que aprendeu do cubismo tardio e certa tendência para o onírico e fantástico. Estes aspectos, combinados, terão como resultado um trabalho que, como assinala Llorens, «intensificará a tendência à desmaterialização, como condição necessária para liberar a imaginação criativa, e a formulará como «desenho no espaço»». Este é o conceito que representa a desmaterialização levada ao extremo, expressa através de volumes descritos ou sugeridos pelo jogo de formas planas ou lineares executadas em metal. Alguns dos melhores

exemplos desta desmaterialização dos volumes na escultura, podemos observar em *Claridade (Personagem de pé)*, de 1932, e *Grande maternidade*, de 1934.

VII. Picasso: a oficina do escultor (Boisgeloup, 1930-1932)

Esta seção examina o trabalho independente de Picasso durante os anos de colaboração com González. É então quando ele monta sua oficina de escultura em Boisgeloup e abandona o problema da desmaterialização em obras nas quais o volume, a rotundidade das formas e a matéria passam a ser o centro de tudo. Estes foram os anos em que ele criou estas esculturas redondas com um certo ar neolítico, inspirado por Marie-Thérèse Walter.

VIII. Picasso e González: depoimentos de guerra (Paris, 1937-1944)

A Guerra Civil espanhola e a Segunda Guerra Mundial não poderiam ser menos que um ponto de mudança na obra de González e Picasso, cuja arte sempre teve esse caráter de compromisso. É o período de *Guernica* e das «mulheres chorando» para o artista, como também *O homem do cordeiro*, a grande escultura feita sob a ocupação alemã em Paris. São os anos de *A Montserrat* e dos *Homens Cactos* para González. O diálogo entre as poéticas pessoais dos artistas torna-se ainda mais evidente. Tanto *O homem do cordeiro* como *A Montserrat* têm características primitivas e monumentais, bem como

Julio González
Homme Cactus I
[*Homem Cactus I*], 1939
Bronze fundido e pregos
de ferro
65 x 27,4 x 15,5 cm
González Administration



humanas e heróicas e, acima de tudo, ambas as obras mantêm um forte caráter mediterrâneo. As mulheres chorando são, como *A Montserrat*, uma transcrição da Piedade e das Dores da tradição cristã, um produto de sua época, estas obras parecem querer oferecer algum tipo de resposta à barbárie.

Pequena Montserrat assustada é a última escultura acabada conhecida de González, em um período difícil para o escultor,

que, devido à guerra, carece de materiais para soldar ferro pelo qual, de forma paralela ao seu trabalho escultórico, realiza inúmeros desenhos. Além das diferentes versões desta «bem plantada», González esteve trabalhando em uma série de «homens cactos». Estas figuras transmitem um espírito muito próximo ao das *Metamorfoses* de Ovidio, um motivo que também está muito presente no trabalho de Picasso durante aqueles anos. ⊗



Ilse Bing

TEXTO:ÁREA DE CULTURA DA FUNDACIÓN MAPFRE

A sala Recoletos da Fundación MAPFRE em Madri receberá de 23 de setembro de 2022 a 8 de janeiro de 2023, a exposição *Ilse Bing*, um percurso com quase 200 obras de 1929 ao final dos anos cinquenta, mas na qual Bing abordou uma ampla gama de questões essenciais na linguagem da fotografia.

A fotografia de Ilse Bing (1899-1998) atravessa as décadas centrais do século XX, sendo testemunha das grandes preocupações culturais e artísticas desses anos através de uma visão e concepção da fotografia muito pessoal, nas qual a modernidade e a inovação formal caminham lado a lado com uma disposição humanista e uma enérgica consciência social. Além disso, Bing é outro exemplo excelente de uma geração de grandes fotógrafas que, como Berenice Abbott, Nora Dumas e Gisèle Freund, entre outras, conseguiram uma visibilidade e reconhecimento até então negados às mulheres no campo da fotografia.

Ilse Bing (Frankfurt, 1899-Nova York, 1998) nasceu em uma família judaica de classe média. Em 1929, após descobrir sua vocação enquanto preparava as ilustrações para sua tese, deixou a universidade para dedicar-se inteiramente à fotografia. Durante os seguintes trinta anos, ele o fazia em uma trajetória artística e vital apaixonante.

Em 1930 se mudou para Paris, onde combinou sua dedicação ao fotojornalismo com seu trabalho pessoal, logo se tornou uma das principais representantes das tendências inovadoras da fotografia que estavam surgindo na efervescência cultural de Paris naquela época. Com o avanço do

nazismo, em 1941 ela foi para o exílio em Nova York com seu marido, o pianista Konrad Wolff. Duas décadas depois, aos 60 anos, abandonou seu trabalho como fotógrafa e voltou sua criatividade para as artes plásticas e a poesia até sua morte em 1998.

A obra de Bing não pode ser atribuído a nenhum dos movimentos ou tendências dos quais a artista extraiu. Ela cobriu quase todos os gêneros, desde a fotografia de arquitetura, retrato, autorretrato e objetos cotidianos até paisagem. A diversidade de estilos em que ela o fez reflete sua valiosa e pessoal interpretação das diferentes propostas culturais com as quais interagiu, de Bauhaus e a Nova Objetividade de inspiração alemã ao surrealismo parisiense e o dinamismo implacável da metrópole nova-iorquina.

Dispersa entre numerosas coleções europeias e americanas, a obra de Ilse Bing é trazida para Espanha pela primeira vez nesta exposição de toda sua carreira.

Descobrimo o mundo através de uma câmera: o começo

Acompanhada por sua Leica, Ilse Bing começou a trabalhar em comissões para várias publicações durante os anos da República de Weimar. Durante este período abordou diferentes temas, como o esforço dos trabalhadores, a simplicidade espacial de uma galeria, as linhas orgânicas de um telhado, o movimento das pernas e braços das bailarinas e a arquitetura moderna, que viria a conhecer graças a seu amigo, o arquiteto holandês Mart Stam. Sua visão

Bailarina de cancan [French Can-Can Dancer], 1931
Cópia de 1941
Galerie Karsten Greve, Saint Moritz/Paris/Colônia
© Estate of Ilse Bing

A obra de Bing abrangeu quase todos os gêneros, da fotografia de arquitetura, retrato, autorretrato, objetos cotidianos, até paisagem.



Gerard Willem van Loon, bailarín
[Dancer Gerard Willem van Loon], 1932
Galerie Karsten Greve, Saint Moritz/Paris/Colônia
© Estate of Ilse Bing

neste tipo de objetos, pois incluiu nas composições um certo ar mágico e de mistério indissolúvel. Os objetos cotidianos de Bing, especialmente os de seu período parisiense, estão impregnados de ar melancólico, quase sonhador. No período de exílio nos Estados Unidos, uma certa aparência de frieza pode ser vista e características formais e simbólicas surgem, como a delimitação da cena capturada.

O corpo dançado e suas circunstâncias

Enquanto vivia na Alemanha, a artista já havia se interessado pelo movimento das bailarinas da escola de Rudolf von Laban, considerado o pai fundador da dança expresionista. Na sua chegada em Paris, foi encarregada de fotografar o museu de cera do Moulin Rouge. Enquanto realizava este projeto, a autora fotografou a vida cotidiana dentro e fora do palco, mas acima de tudo as bailarinas em pleno movimento. Ela captou a vibração da dança, as voltas circulares, a abertura das pernas das bailarinas em perfil. Gestos e poses que chamaram a atenção do fotógrafo e crítico Emmanuel Sougez, que incluiu seu trabalho na revista *L'Art Vivant*.

Além da série de fotos tiradas do bailarino Gerard Willem van

procurava ângulos inesperados, virando para cima ou para baixo, às vezes, encontrando elementos que passavam despercebidos, sem valor que eram unidos aleatoriamente, como no caso de *Folha morta e bilhete de bonde na calçada, Frankfurt* (1929).

A vida da natureza morta

Ilse Bing sentiu um fascínio precoce por objetos inanimados, natureza morta, cadeiras, jornais, motivos comuns na arte das primeiras três décadas do século XX. O surrealismo foi uma revolução

Loon, filho do escritor Hendrik Willem van Loon —destacado mecenas das artes que introduziu a fotografia de Bing nos círculos de galerias e coleções de Nova Iorque—, uma das mais proeminentes foi a que fez do balé *L'Errante*, do coreógrafo George Balanchine, com cenário e libreto do pintor russo Pavel Chelishchev para a companhia Les Ballets. Um espetáculo no prestigioso Théâtre des Champs-Élysées de Paris, em junho de 1933 e mais tarde em Londres.

Luzes e sombras da arquitetura moderna

Junto a fotografias de fachadas e edifícios algo deteriorados da arquitetura parisiense, Ilse Bing concentrou-se em uma das obras mais emblemáticas da capital, construída para a Exposição Universal de 1889. A Torre Eiffel tinha sido fotografada em 1925 por László Moholy-Nagy, que tanta influência teve sobre Bing, mas a autora não só focou na beleza das formas e na geometria abstrata da construção, mas também no entorno fotografando diferentes alturas do interior.

O mesmo aconteceu com os altos edifícios de Nova Iorque, que fotografou com uma visão distanciada simultaneamente que crítica, pois não faltam, junto à arquitetura vertical, edifícios baixos e humildes, como mostra em *Nova Iorque* (1936), onde o Empire State Building contrasta com o anúncio em um edifício próximo



Folha morta e bilhete de bonde na calçada, Frankfurt [Dead Leaf and Tramway Ticket On Sidewalk, Frankfurt], 1929
 Galerie Karsten Greve, Saint Moritz/Paris/Colônia
 © Estate of Ilse Bing



BudgeHeim, 1930
 Galerie Karsten Greve, Saint Moritz/Paris/Colônia
 © Estate of Ilse Bing



Pobreza em Paris [Poverty in Paris], 1931
Galerie Berinson, Berlim
© Estate of Ilse Bing

no que pode ser lido *display frames* (armações de tela), em um negócio familiar da rua Fulton, ao sul de Manhattan.

A agitação da rua: os anos franceses

Ao chegar em Paris no final de 1930, e apesar de ser uma desconhecida no mundo da fotografia, Ilse Bing conseguiu fazer nome graças às comissões de diferentes revista alemãs e à atenção recebida de críticos, como Emmanuel Sougez. Bing gradualmente tornou-se parte dos círculos artísticos da capital e conheceu a obra de Brassáï, Germaine Krull, Florence Henri, Laure Albin-Guillot, Eli Lotar, Berenice Abbott, Madame d'Ora, Dora Maar e Man Ray, entre outros. Recebeu também comissões de algumas das publicações francesas mais populares da época, como *Vu*, *Voilà*, *Marianne*, *Regards*, *L'Art Vivant*, *Arts et Métiers Graphiques* e *Urbanisme*. Entre estas colaborações, destaca-se sua pesquisa sobre sopa popular, nas quais documentou um fato social importante. Pouco tempo depois, em 1932, realizou sua primeira exposição individual em Frankfurt e produziu uma de suas fotografias mais importantes: *Cartaz de Greta Garbo, Paris*.

Neste ambiente, e graças ao convite do já mencionado



A ilustre Daisy Fellowes, luvas de Dent em Londres para Harper's Bazaar
[The Honorable Daisy Fellowes, Gloves by Dent in London for Harper's Bazaar], 1933
International Center of Photography, Nova Iorque, doação de Ilse Bing, 1991 (17.1991)
© Estate of Ilse Bing

Sua mirada procurava ângulos inesperados, girava para acima ou para abaixo, encontrando-se às vezes com elementos que passavam despercebidos, carenciados de valor e que azarosamente ficavam unidos

Hendrik Willem van Loon, Bing teve a oportunidade de conhecer os Países Baixos, visitando lugares como Veere e Amsterdam, onde capturou diversos momentos da vida cotidiana.

A sedução da moda

Em novembro de 1933, Ilse Bing começou a colaborar com *Harper's Bazaar* graças a sua amiga Daisy Fellowes, educada no mundo da moda e editora da versão francesa da revista. A estrutura de chapéus e luvas cortadas de Bing faz sobressair suas texturas, quase fetiches, com o gosto surrealista, e lhes dá um toque sensual que os faz parecer, ainda mais desejáveis. Durante

esses anos, Bing também se associou com a desenhadora Elsa Schiaparelli, para quem trabalhou fotografando alguns de seus perfumes em 1934.

Estados Unidos em duas etapas

Os Estados Unidos foram outro destino importante na carreira de Ilse Bing. Visitou os EUA por primeira vez em 1936. Chegou em uma Nova Iorque cheia de contrastes, entre as enormes dimensões da arquitetura e as condições de vida dos mais desfavorecidos. Conheceu Alfred Stieglitz e expôs na June Rhodes Gallery, mas achou a cidade fria e um pouco inóspita. Tal e como ela mesma assinalou: «as ruas

nas que ando não me integram como as de Paris; a arquitetura, com suas proporções desumanas, me faz sentir isolada, por assim o dizer, vivendo em um vazio. Aqui vejo as maravilhas do mundo do interior de uma cápsula espacial».

Sua segunda visita na cidade foi completamente diferente. Chegou em 1942 fugindo da França ocupada pelos nazistas com seu marido, Konrad Wolff, depois de passar quase um ano em campos de concentração. A sensação de apatia, instabilidade econômica e sofrimento depois dos acontecimentos fez com que seu trabalho tivesse seu preço, com imagens que



Nova Iorque
[New York], 1936
Galerie Berinson,
Berlim
© Estate of Ilse Bing

refletem isolamento, fundos escuros, ramos de árvores nuas e sem folhas ou paisagens nevadas e sem alma. Em Nova Iorque, o estilo de Bing foi considerado antiquado e as revistas ilustradas viraram as costas. Então teve que assumir diferentes trabalhos, de retratos encomendados a preparação de cães.

Revelações da autoimagem

Ao longo de sua carreira, Ilse Bing reiterou o exercício do autorretrato, geralmente em

interiores, com a intenção de testemunhar momentos específicos de sua existência. Com estas imagens, a primeira realizada aos 14 anos em 1913, a artista estava forjando sua identidade como mulher emancipada e independente em uma época em que isto não era a norma. Não só ela, também outras artistas e fotógrafas se mostraram ao mundo com suas ferramentas de trabalho. Uma de suas imagens mais populares a este respeito é *Autorretrato com Leica*, de 1931, na qual, através

de dois espelhos, seu rosto assume uma dupla dimensão ao olhar através do visor, revelando seu olhar penetrante e inquisitivo.

Retrato do tempo

Além de seus próprios autorretratos, em sua busca para compreender e estudar a psique humana, Ilse Bing começou muito cedo a retratar diferentes indivíduos, especialmente menores, quase sempre por encomenda. Nestes retratos, as crianças



Autorretrato [Self-portrait], 1934
Galerie Karsten Greve, Saint Moritz/Paris/Colônia
© Estate of Ilse Bing



Antígona com professor [Antigone with Teacher], 1950
International Center of Photography, doação de Ilse Bing, 1991 (32.1991)
© Estate of Ilse Bing



Entre França e EUA. UU. (Marinas) [Between France and the USA (Seascapes)], 1936
Whitney Museum of American Art, Nova Iorque.
Legado de Ilse Bing Wolff (2001.383)

© Estate of Ilse Bing
© 2022. Digital image Whitney Museum of American Art /
Licensed by Scala

estão geralmente brincando ou em atividades de estudo, às vezes, estão acompanhadas por adultos. São retratos delicados, mas refletem o caráter e a personalidade do sujeito, provavelmente aludindo à crença de Bing de

que as crianças eram criaturas completas no mesmo nível que os adultos, com suas próprias crenças e preocupações.

Natureza ao vivo

Junto com seu interesse pela arquitetura, Ilse Bing sempre foi atraída pela natureza, tanto a mais selvagem quanto aquelas projetadas e organizadas pela mão do homem, como os jardins de Versalhes. As fotografias tiradas ao ar livre geralmente expressam um ar de calma e

equilíbrio, com exceção daquelas em lugares mais selvagens, mais acidentados, como as montanhas do Colorado.

Em 1959, Bing abandonou definitivamente a fotografia em favor da poesia e *colagem*, após três décadas dedicadas ao meio e muito antes de sua obra adquirir o reconhecimento internacional que mais tarde ganharia. ✕





A ajuda para um futuro melhor não para

TEXTO: JAVIER MESTRE JORDÁ FOTOGRAFIAS: LIDIA YLLAN JUÁREZ

Com a ressaca da pandemia, e respeitando as recomendações sanitárias em uma área que ainda mostra casos de infecção Covid, o Centro Comunidade MAPFRE-Universidade Panamericana (UP) está encorajando e dando confiança à comunidade do município de Santa Fé para encher novamente suas instalações.

São as nove da manhã no centro Comunidade MAPFRE-Universidade Panamericana (UP) e um grupo de mulheres começa o dia praticando ioga. Estendem seus braços até alcançar o chão seguindo as instruções da instrutora que as acompanha. Assim como este grupo de mulheres, o centro recebe o novo dia que começa, esticando e preparando-se para o trabalho titânico que, nos últimos 7 anos, oferece diariamente à comunidade de Santa Fé, localizada na oeste da Cidade do México.

Um trabalho que está sendo retomado de forma presencial, mais de dois anos após as medidas de distanciamento físico terem sido decretadas por causa da pandemia Covid-19. Estamos no final de maio de 2022 e os dados de transmissões convidam a recuperar as atividades do centro, embora com protocolos para garantir a segurança dos participantes, funcionários e voluntários do centro.

A alegria e o entusiasmo de mais uma vez participar das atividades oferecidas pela Comunidade MAPFRE-UP em suas instalações são evidentes, apesar de que as máscaras escondem metade de seus rostos. Além disso, há algumas semanas, o centro comunitário realizou celebrações para comemorar seus sete anos de atividade sem interrupções, por isso a alegria é dupla.

Mas, esta alegria acompanha o respeito pelas perdas causadas pela pandemia. «Quando retomamos as aulas presenciais, encontramos um lugar vazio, a cadeira de Lulú», diz Deyanira Morales, coordenadora da área de Educação, explicando como o grupo de idosos retomou suas aulas de arte após a pandemia. «Nesse momento, uma das mulheres sentou-se na cadeira e disse que pintaria por Lulú naquele dia», acrescenta. As atividades da Comunidade MAPFRE-UP são um pilar

fundamental para avançar em direção a um futuro melhor. Já era assim antes da chegada da Covid, e não seria menos depois.

Uma colaboração duradoura

Desde 2015, a Comunidade MAPFRE-UP proporciona educação, desenvolvimento pessoal, saúde, assistência psicossocial, assessoria jurídica e serviços de nutrição infantil à população de 18 bairros de Santa Fé, localizados num raio de um quilômetro de suas instalações. Em Santa Fé há pessoas que lutam para superar problemas como falta de renda, insegurança alimentar, vícios, violência, atraso educacional, falta de infraestrutura e de oportunidades de trabalho, por isso encontram grande apoio nas atividades e serviços que a colaboração entre a Fundación MAPFRE e a Universidad Panamericana coloca à sua disposição.

Como o centro continuou a funcionar durante a pandemia?



«Decidimos que a melhor forma era oferecer um acompanhamento individual e personalizado para mostrar caso a caso como participar nas reuniões de grupo por Zoom ou como realizar uma videochamada», diz Nydia Valenzuela, diretora da Comunidade MAPFRE-UP, enquanto mostra as instalações dos serviços médicos que oferecem. O lugar que estava lotado de pessoas antes da pandemia agora deve controlar o atendimento para respeitar a capacidade.

Também as consultas presenciais são escalonadas para não expor a equipe de especialistas e estagiários da Universidade Panamericana a um possível contágio, garantindo assim que as consultas continuem a ser oferecidas sem interrupção. Entre os serviços médicos oferecidos: cuidados primários, cuidados odontológicos, ginecologia e cuidado psicoemocional tanto individualmente quanto em grupo.

Mais necessidades psicoemocionais

Luis é psicólogo no centro e acaba de terminar uma sessão em grupo. Estas ainda são realizadas virtualmente e são oferecidas como uma ferramenta com a qual os participantes podem encontrar reflexões de seus problemas em outros participantes e também possíveis respostas a estes problemas.

Luis confessa que a pandemia acentuou os casos de estresse, ansiedade e depressão por causa da perda de empregos, vida em



Com as medidas de distância, o centro teve que fechar. As portas de seu edifício localizado no centro fundacional de Santa Fé foram fechadas, mas as redes

digitais abriram janelas para continuar com as atividades. Janelas difíceis de abrir pela brecha digital sofrida pela população beneficiária.

As atividades da Comunidade MAPFRE-UP são um pilar fundamental para avançar em direção a um futuro melhor. Já o era antes da chegada da Covid, e não o seria menos depois



Nydia Valenzuela, directora da Comunidade MAPFRE-UP

casa, cuidado de dependentes ou a perda de entes queridos. Neste último caso está Tonhita, uma mulher idosa que perdeu seu marido durante o confinamento e para quem os cuidados psicológicos ajudaram em seu luto.

Bem, Tonhita não contou apenas com o apoio dos psicólogos do centro. A atividade favorita de Tonhita é a pintura. Quando a conhecemos na aula de arte, ela está colorindo um quadro de Picasso (naquele dia, ela e suas colegas estão aprendendo

sobre Cubismo) que nos mostra com orgulho e confessa que logo comprará uma moldura, para que não fique sujo.

Além disso, Tonhita assiste aulas de alfabetização «porque nunca fui à escola e sempre tive que pedir para saber qual caminhão tomar ao não saber ler os destinos». Falar com Tonhita é ver as conquistas qualitativas da Comunidade MAPFRE-UP, como aponta Deyanira, coordenadora da área de Educação do centro.

«É muito importante aproveitar estas atividades como

uma forma de refletir sobre elas e reconhecer suas capacidades», explica sobre os objetivos das atividades. As atividades destes workshops estão centradas em três eixos: Corpo, Memória e Velhice, e os participantes dialogam e se expressam sobre estas questões.

A pandemia forçou a realização destes workshops à distância, o que não foi isento de problemas de conexão ou dificuldades em saber como utilizar estes novos cenários. Rosa, outro membro do grupo

Os serviços do centro terão que crescer e, portanto, outro desafio é levantar fundos para garantir que a administração do centro continue oferecendo um futuro melhor aos habitantes de Santa Fé.



que participa destes workshops, observa que assistir às aulas online foi prático, mas que poder voltar para a sala de aula a ajudou a encontrar tempo para si mesma longe das interrupções de casa.

Cursos para jovens.

Deyanira nasceu e cresceu em Santa Fé. «A apenas três quarteirões do centro», diz. «Embora seja como se eu ainda morasse aqui, porque passo o dia aqui e só saio para ir dormir em casa», acrescenta. Formada em Comunicação pela UNAM

e com mestrado em Estudos da Mulher pela UAM, há alguns anos, conhecendo a realidade de muitos adolescentes que abandonaram a escola na área, ela propôs que o centro oferecesse aulas de apoio para o exame de admissão à Preparatória após o ensino médio.

Estes cursos de preparação são realizados de fevereiro a junho, que é o mês em que o exame de admissão é feito, e através de aulas para reforçar as matérias e exames simulados, procura que os alunos possam passar no exame para as escolas

que pretendem frequentar. É claro que, devido à pandemia, essas aulas tiveram que ser virtuais, embora há algumas semanas recuperaram a opção de ter aula presencial aos sábados.

Lesly, que quer ser arquiteta, assiste essas aulas. Para isso, terá que fazer o exame, e está se preparando junto com cerca de 50 colegas. Antes da pandemia, quase uma centena de alunos passavam por cada classe, mas a «geração Zoom», como são chamados, é menor por causa das dificuldades de conexão que algumas famílias frequentemente têm.

Para Lesly, a conexão remota foi difícil, às vezes, falhou, mas confessa que se sente preparada para o exame, embora esteja nervosa. No entanto, ela tem o apoio de sua família para animá-la e a ajuda de um tio que estudou a Preparatória.

Lesly faz parte dos beneficiários mais jovens da Comunidade MAPFRE-UP. Para crianças e jovens há também workshops de desenvolvimento pessoal, e até mesmo serviços de terapia psicoemocional. As crianças e jovens foram os grupos mais afetados pela pandemia, especialmente pelo fechamento das escolas durante vários meses.

O atraso educacional que isto acarretou é uma das principais frentes que contribuem para a atividade da Comunidade MAPFRE UP, mas também a insegurança alimentar em suas casas devido principalmente à perda de oportunidades de trabalho para seus pais.

300 refeições diárias para crianças e jovens

Mais de 300 crianças de seis meses a 16 anos são alimentadas todos os dias nas instalações da Cantina Santa Maria no centro. Seu trabalho não pôde parar durante os meses de confinamento. Durante a fase inicial da pandemia, pacotes mensais de alimentos foram entregues para continuar seu trabalho, apesar do confinamento. Posteriormente, foi estabelecido um sistema pelo qual as mães

dos beneficiários vêm em um horário determinado para receber rações diárias que atendem às necessidades nutricionais determinadas de acordo com sua faixa etária.

Nas casas dos beneficiários, as dietas muitas vezes carecem de proteínas, frutas e legumes, por isso a Cantina Santa Maria estabelece um cardápio para fornecer estes ingredientes. Além da alimentação, a Cantina Santa Maria tem um programa mensal que educa as crianças e jovens que servem em valores. Durante o confinamento, as redes sociais foram utilizadas para promover este programa através de canções, dinâmicas e leituras. Durante o mês de maio foi mostrado o valor da humildade para respeitar seu próprio corpo e o das outras pessoas. Em junho trabalharão

sobre as emoções, como não são nem más, mas devem ser bem administradas. A sorte é que poderão conhecer pessoalmente, pois a cantina retomará sua atividade normal no dia 1 de 3 junho.

«Retomar as atividades presenciais no centro é um dos desafios», como indica Nydia, a diretora do centro, quem confessa que já sabem que as diferentes crises durante a pandemia «gerarão necessidades mais profundas entre os beneficiários». Como fizeram durante estes sete anos, os serviços do centro terão que crescer e, portanto, outro desafios é levantar fundos para garantir que a administração do centro continue oferecendo um futuro melhor para os habitantes de Santa Fé. Se mesmo a pandemia não os impediu, o que faz pensar que não o farão? ❌





Diego Ramírez Portugués, graduado em Estatística, trabalha há 24 anos em Sistemas de Informação na Telefônica. É voluntário da Fundación Balia

«Os meninos e meninas que ajudo me transmitem muita alegria, independente de sua situação econômica e familiar»

TEXTO: CRISTINA BISBAL

Sua relação com a Fundación Balia começou em 2015, quando participou de um acampamento de verão lançado pela organização com a ajuda da Telefônica, empresa para a qual trabalha há 24 anos.

Gostou tanto da experiência que a repetiu por mais dois anos. Aos poucos essa relação se intensificou e começou a participar também nas tardes de sexta e manhãs de sábado. Mas chegou um momento em que Diego quis se envolver mais com as crianças que estava conhecendo, por isso, decidiu se tornar voluntário e passou a ajudá-las todos os dias com seus deveres de casa e estudos... e a participar de excursões ocasionais de fim de semana. Aos 58 anos e com redução laboral e salarial graças a um programa voluntário de suspensão individual do vínculo empregatício e licença médica incentivada (PSI), ele agora dedica seu tempo livre a quem mais precisa.

Você já havia feito voluntariado antes de começar na Balia?

Sim. Em 2013 participei do programa Férias Solidárias Internacionais da Telefônica em Quito. Também participei como voluntário em atividades específicas em associações e fundações como Apsuria, Ademo, Kyrios, RAIS, Deporte e Desafío. Como voluntário da Telefônica, participei do «Inocente Inocente» durante 5 anos.

Por que a Fundación Balia foi a definitiva?

Em primeiro lugar, porque acredito que os educadores da Balia são excelentes profissionais

e realizam seu trabalho com amor e dedicação sincera às crianças. Em segundo, porque a mensagem que a Balia me transmitiu, desde o meu primeiro voluntariado, foi que os protagonistas são as crianças e não os voluntários. E isso é uma constante até hoje. Em terceiro, porque a Balia me informa sobre minhas obrigações como voluntário, como deve ser meu comportamento e participação, qual é o meu compromisso e o dos demais... Todos os anos eles promovem vários encontros e treinamentos entre os voluntários. Além disso, me informam via e-mail sobre os cursos de atualização dos quais posso participar. E em quarto lugar, porque me sinto valorizado e respeitado. Todos os dias, quando vou para casa, recebo uma saudação alegre dos meninos e meninas e um especial «Obrigado, Diego» do educador a quem sou designado.

Por que com crianças?

Acho que porque me transmitem muita alegria, independente de sua situação econômica e familiar. Esses meninos e meninas são nobres, têm futuro, um futuro que pode ser melhor graças à intervenção da Balia. E estão sempre dispostos a dar e receber carinho, e isso é bom, muito bom!

O que o voluntariado te proporciona?

Não sei como expressar isso. Mas suponho que pensar que posso contribuir com meu “grão de areia” para que essas meninas e meninos tenham um futuro melhor.

O que é mais e menos gratificante?

Há vários aspectos gratificantes do trabalho voluntário que faço. O primeiro e acho que o mais importante é que, ao ajudar as crianças em seus «deveres escolares», as crianças progredem nos estudos, o que lhes permite uma maior integração na escola e uma maior autoestima.

Em segundo lugar, acho gratificante poder colaborar em uma sala de aula com 14 crianças em momentos em que há alguma situação delicada e o educador da Balia precisa de um tempo para ajudar uma criança específica. Nesse momento posso atender os pedidos dos demais sem diminuir a atenção a ninguém.

Em terceiro lugar, as excursões ao campo e os acampamentos de verão 24x7 são momentos muito intensos com experiências poderosas nas quais acredito, espero e desejo ter sido uma referência para eles.

Quanto ao menos gratificante, quando recebo a notícia de que alguma criança não está progredindo adequadamente no ano letivo ou que a sua situação familiar não melhorou. ✖



Não ao ódio nas redes sociais

TEXTO: ÁNGEL MARTOS

Situações de assédio e discriminação nas redes sociais podem afetar nossa saúde mental, principalmente no caso de jovens e adolescentes. Aprender a combatê-las e a se proteger são as primeiras lições que nossos adolescentes e jovens podem praticar.

Stranger Things é a série do momento com a estreia de sua quarta e última temporada. Acumula centenas de milhões de visualizações na Netflix e lidera a conversa global nas redes sociais. A história de um grupo de jovens e adolescentes da década de 1980, última década antes da internet e dos celulares, é, no entanto, uma metáfora sombria para nossa relação contemporânea com a tecnologia. Seus personagens, meninas e meninos analógicos que estão sempre andando de bicicleta, vivem despreocupados com *curtidas*, mas atravessados por um medo que vem de outra dimensão: O Outro Lado, um mundo instalado no horror e que quer devorar suas almas. Em *Stranger Things*, a entrega à nostalgia wikipédica, com referências ao cinema, televisão e música da época (dos *Goonies* e *A Hora do Pesadelo* até *The Twilight Zone* e *Cindy Lauper*), esconde uma definição angustiada do presente de algumas pessoas cuja saúde mental está ameaçada por esse Outro Lado que é a internet.

A pandemia de coronavírus chamou a atenção para a saúde

mental como nunca antes na Espanha. Especialmente quando a realidade, forçada pelo confinamento, se tornou cada vez mais virtual para todos nós. Essa janela para o mundo que é a internet e as redes sociais, que nos abrem a possibilidade de teletrabalho e relacionamentos para além da nossa localização metafísica no Google Maps, também permite a passagem de alguns horrores, como o ódio, a discriminação e os diferentes tipos de bullying. O sufixo ciber não os torna menos tangíveis; muito pelo contrário, para quem os sofre por meio dessa extensão de si mesmo que é o celular, eles se tornam dolorosamente onipresentes.

Essa realidade é especialmente angustiante para os jovens e adolescentes, nessa fase de transição em que começamos a tomar decisões de forma autônoma sem deixar de ser profundamente vulneráveis. De acordo com um estudo publicado na revista médica *The Lancet*, o início dos transtornos mentais ocorre antes dos 14 anos

em 50% dos casos e em 75% antes dos 24 anos.

Para falar sobre esses distúrbios, ninguém melhor do que aqueles que os sofreram. Uma dessas jovens foi Jen Herranz, comunicadora e criadora especializada em videogames e tecnologia. Com quase 53 mil seguidores em sua conta no Twitter, @jenherranz, hoje com 30 anos, relembra sua adolescência como vítima de *bullying*, sua depressão e as tentativas de suicídio. Com esse conhecimento da causa, virtual e digital, faz uma recomendação clara e direta para cuidar da saúde mental e fugir do ódio nas redes: «Pegue seu celular e coloque-o em uma gaveta». E, na experiência dela, «todo assédio é horrível e vai te assombrar, mas o das redes sociais está em seu celular, te acompanha ao banheiro, antes de dormir, quando está assistindo uma série no sofá... Parece muito mais íntimo e próximo». Para combatê-lo, a comunicadora recomenda estabelecer todos os tipos de filtros, limitando as notificações e o acesso de outras pessoas aos



© iStock

nossos perfis. Também incentiva meninas e meninos a «ter uma vida fora da internet e fazer coisas que realmente lhes somem e lhes dê uma rede de apoio», especialmente em um país onde ter assistência psicológica de qualidade «é um privilégio».

As plataformas também têm muito a dizer. O Twitter é uma das redes sociais de referência, também quando falamos de assédio e ódio. Camino Rojo, diretora de Políticas Públicas e Filantropia do Twitter, afirma que «o comportamento abusivo desencoraja as pessoas a se expressarem, diminuindo assim o valor da conversa pública global... Nossas regras existem para garantir que todos possam participar livremente e com segurança». Regras cada vez mais eficazes em levantar barreiras

contra tudo o que pode nos prejudicar como usuários. «É inegável que a tecnologia é um progresso, mas também temos que saber usá-la», defende Rojo, «e plataformas como a nossa devem desenvolver o uso de produtos, políticas, tecnologias, para complementar todo esse esforço educacional».

Prevenir e denunciar é a receita da Unidade Central de Participação Cidadã da Polícia Nacional. As ações de prevenção que realizam tem como objetivo não só informar e educar para evitar ser vítima de ódio: «Também o fazemos para evitar que alguém se torne um agressor», destaca Ana Riveiro Calviño, representante deste órgão, que, além disso, afirma que crimes de ódio são aqueles motivados por preconceitos e cometidos contra uma ou mais pessoas

por possuírem ou apresentarem características, reais ou percebidas, que determinam o pertencimento a um grupo social. Racismo, xenofobia, aporofobia, homofobia, etarismo, discriminação baseada em ideologia, religião, doença, deficiência, gênero, pertencimento a um grupo étnico cigano, antissemitismo... Há muitas desculpas para o ódio nas redes sociais e cada vez mais ferramentas para combatê-lo, incluindo o Código Penal. E diante de uma possível situação de assédio vivenciada por um jovem ou adolescente, a polícia recomenda seguir quatro passos: contar, se possível a um adulto de sua confiança; bloquear a conta de onde vem o ataque; se você pertence a um grupo que é objeto de crimes de ódio, tire provas (como screenshots) dos perfis das redes sociais onde isso ocorre e, por último, denuncie, porque «se não conhecemos essa realidade, não podemos fazer nada para evitá-la».

Vozes de alerta também são levantadas pelo mundo da psicologia. «O grau em que estão aparecendo comportamentos absolutamente degradantes contra a dignidade das pessoas por meio das tecnologias é assustador», diz José Antonio Luengo, reitor-presidente do Colégio Oficial de Psicologia de Madrid. Perante este diagnóstico, defende uma ação conjunta em que os centros educativos, mas não só estes, possam desempenhar um papel importante na prevenção e apoio às vítimas. Porque, em sua opinião,

não basta colocar barreiras à tecnologia: «Mesmo que você bloqueie, você sabe que está acontecendo, que todos os dias você está no precipício, e aparece o trânsito pelo deserto, aquela transição em que você se encontra sozinho na vida, com pais que o amam e que gostariam de ajudá-lo, mas que não sabem realmente o que está acontecendo», descreve. Uma situação de desequilíbrio impulsionada pelo assédio, hostilização ou humilhação nas redes sociais que nos faz sentir mal por cada vez mais tempo e cada vez mais intensamente. É quando aparecem os transtornos mentais em adolescentes, que Luengo resume em três: os de ansiedade generalizada, os de humor e os distímicos. «O que mais nos preocupa é o estresse pós-traumático, o que mais está associado a situações relacionadas em geral ao trauma, ao tremendo choque que perfura sua dignidade como pessoa», diz o psicólogo. «Não tenho certeza se há alguma razão para sermos otimistas».

Stranger things (coisas estranhas) acontecem nas redes sociais. Mas nenhuma delas é fruto de monstros fantásticos, poderes esotéricos ou científicos que dobram as leis da natureza. Todas são resultado das pessoas e do tipo de relacionamento que elas decidem estabelecer nos ambientes digitais. Aprender a se cuidar e a se proteger é uma das primeiras lições que nossos adolescentes e jovens podem praticar. Também que odiar e discriminar têm consequências, às vezes de natureza criminosa. ✕

Para Alicia Rodríguez, da Área de Promoção da Saúde da Fundación MAPFRE, quando falamos de comportamento abusivo ou discurso de ódio nas redes, é preciso diferenciar três níveis:

1. Aquele que é ilegal e está sujeito à lei (discurso de ódio ilegal).
2. O discurso que não é ilegal, mas está sujeito a políticas internas de moderação de conteúdo que visam preservar a saúde da conversa pública e prevenir e evitar danos no mundo *offline* (cuja aplicação nem sempre tem um elemento punitivo).

3. O discurso potencialmente ofensivo, mas que pertence ao campo da liberdade de expressão e é preciso respeitar.

É necessário educar em uma cidadania digital responsável que saiba como interagir (e como não) com outras pessoas no ambiente *online*, como usar as ferramentas para evitar ver conteúdos indesejados e que a experiência *online* seja a mais enriquecedora e saudável possível.



© iStock

II Conferência sobre saúde digital: saúde mental frente ao ódio nas redes sociais

Como as novas tecnologias influenciam sua saúde mental? Quais ferramentas os nativos digitais precisam para gerenciar sua vida virtual? Qual deve ser o papel dos pais, da escola e do resto da sociedade? Para falar sobre tudo isso, a Fundación MAPFRE e Telas Amigas organizaram uma conferência na qual analisaram como as mensagens carregadas de hostilidade e ressentimento que se espalham pela internet podem afetar o bem-estar das pessoas e o que podemos fazer para promover uma conversa saudável nas redes e plataformas sociais.

A conferência contou com a presença de Camino Rojo, diretora de Políticas Públicas e Filantropia de Twitter

Espanha, Ana Riveiro Calviño, da Unidade Central de Participação Cidadã da Policía Nacional e do reitor-presidente do Colégio Oficial de Psicologia de Madrid, José Antonio Luengo. Além disso, também participou do evento a comunicadora e criadora especializada em videogames e tecnologia, Jen Herranz, que compartilhou sua experiência como vítima de *bullying*. «É fundamental que cada um de nós faça uso de conselhos e ferramentas para melhorar nosso comportamento na internet e que sejamos conscientes e responsáveis, pois o que despejamos nas redes chega a pessoas reais que estão do outro lado da tela», afirmou.



Em defesa dos avestruzes

TEXTO: JESÚS MONCLÚS

Não, os avestruzes não escondem a cabeça debaixo da terra. Na verdade, a única espécie que o faz, ou, mudando de expressão, «desvia o olhar» ou «vira a cara» é o ser humano. Um bom exemplo é sua atitude em relação a uma solução que poderia salvar muitas vidas através de uma medida de segurança com quase nenhum custo e que reduziria a taxa de acidentes nas estradas em 10%, no mínimo.

O avestruz é uma espécie incrível. É a ave mais pesada do planeta: pode atingir 3 metros de altura e pesar mais de 180 kg. Suas pequenas asas não servem para voar, mas o ajudam a atingir uma velocidade de mais de 70 km/h por aproximadamente 30 minutos. Os machos se revezam com as fêmeas na hora de incubar os seus ovos nos ninhos cavados na terra e, com efeito, e como modelo de conciliação animal, fazem-no à noite, o que faz com que os incubem durante cerca de 65% do dia. Além disso, os machos do mesmo território costumam trocar ninhos na expectativa de que algum macho distraído não encontre seu ninho e essa distração seja fatal para esses ovos (parece que não é a única espécie animal onde os distraídos não são uma exceção). Embora pareça que aproximam a cabeça do chão, fazem-no para serem confundidos com arbustos

e passarem despercebidos. E, o mais importante, a fama de bobos por «enterrar a cabeça no chão» é totalmente injusta, e o que eles realmente fazem é reorganizar seus ovos em seus ninhos. Certamente seus predadores ficariam muito felizes que, mesmo podendo correr a 70 km/h, eles escolhessem esconder suas cabeças debaixo da terra.

Na verdade, provavelmente a única espécie que esconde a cabeça no chão, ou, mudando de expressão, «desvia o olhar» ou «vira a cara» é o ser humano (é bastante indicativo que existam várias expressões para expressar a mesma atitude...). E então vamos e descontamos injustamente sobre outras espécies como os avestruzes.

Agora, e entrando no assunto, vamos supor que tivéssemos ao nosso alcance uma medida de segurança com baixo custo e que pudesse reduzir a taxa de

acidentes em um mínimo de 10%: cerca de 150 vidas seriam salvas por ano na Espanha, perto de 2.000 na Europa, 3.400 no Brasil, 1.600 no México e 4.000 nos EUA. E digamos que não fizemos nada para aproveitá-la e implementá-la o mais rápido possível. Isso não seria eticamente inaceitável?

Bem, a questão é que a temos e ela incide em uma das últimas propostas da Fundación MAPFRE. A medida já está sendo implementada em algumas empresas de referência, como a ALSA, vencedora de um dos Prêmios Sociais da Fundación MAPFRE, na categoria de melhor iniciativa de prevenção de lesões em 2017. O centro de gestão de trânsito desta empresa mostra em tempo real a localização de seus cerca de 5.000 ônibus e, o mais importante neste ponto, também mostra qualquer excesso de velocidade acima do limite específico de cada

estrada. O objetivo ao monitorar a velocidade é prevenir esses perigosos excessos de velocidade e, caso ocorram, trabalhar com os motoristas para entender suas causas e, assim, evitar sua reincidência: falta de sinalização horizontal ou vertical, algum descuido ocasional ou condições de saúde, dificuldades ou pressões para cumprir os horários...

Há alguns meses, cheguei ao escritório no centro de Madrid relativamente cedo, por volta das sete e quinze da manhã. Eu estava dirigindo em uma grande

A velocidade é um dos principais fatores de sinistralidade em cerca de 25% de todos os acidentes fatais, segundo dados da Direção Geral de Trânsito

avenida com várias faixas e já havia ativado o sistema inteligente de controle de velocidade, então meu veículo se encarregava de não passar dos 50 km/h. Logo três veículos me ultrapassaram, em velocidade consideravelmente maior: o primeiro era um táxi, o segundo um VTC e o terceiro, e mais surpreendente, um veículo pesado. Todos eles provavelmente dispunham de um sistema de geolocalização e seu responsável pela gestão de frota, ou gestor de tráfego, tinha ou poderia ter em mãos as informações sobre sua velocidade de circulação.



© iStock



© iStock

Além disso, todos esses veículos operavam sob algum tipo de autorização municipal ou pública, de modo que não apenas seu responsável direto, mas também a própria administração pública pudesse se interessar pelas condições de prestação desses serviços (como já fazem, por exemplo, na hora de fiscalizar a cobertura geográfica, ou por bairros, destes automóveis, ônibus, caminhões...) e, em particular, de sua segurança.

Os últimos dados tratados pela Fundación MAPFRE, de 2020, indicam que os motoristas ultrapassam os limites de velocidade em pelo menos 10% de todo o tempo ao volante e que os limites legais são excedidos em quase 100% de todas as viagens pelo menos uma vez. A velocidade é um dos principais fatores de sinistralidade em cerca de 25%

de todos os acidentes mortais, segundo dados da Dirección General de Tránsito. Por outro lado, um estudo ainda totalmente válido da Fundación MAPFRE e CESVIMAP de 2016 já indicava que, se não existisse o excesso de velocidade, cerca de 20% de todas as vítimas graves e fatais em nosso país seriam poupadas.

Se conseguíssemos garantir que todos os veículos pudessem ter sua velocidade monitorada com as tecnologias já embarcadas ou disponíveis neste momento e sem custos adicionais (e aqui incluímos frotas de todo o tipo, veículos de aluguel, táxis, VTC, veículos compartilhados, transporte de mercadorias perigosas, ônibus escolares e municipais, veículos de recolha de resíduos...), aproveitando destas oportunidades tecnológicas, incluindo

a utilização de big data e inteligência artificial para ajudar os condutores a não ultrapassar os limites seguros de velocidade, a taxa de acidentes seria significativamente reduzida, o fluxo de tráfego seria melhorado (o excesso de velocidade e, sobretudo, as diferenças de velocidade entre os veículos são algumas das principais causas subjacentes de muitos engarrafamentos), o consumo de combustível e as emissões de poluentes e gases de efeito estufa, além do barulho do trânsito, também se reduziriam, com o consequente benefício para a saúde de todos os cidadãos.

Se não tentarmos, estaremos escondendo nossas cabeças debaixo da terra, não como avestruzes, mas como *homo sapiens*. ❌



Diante do desafio demográfico, novos modelos habitacionais

TEXTO: RAFAEL CONDE FOTOGRAFIAS: ALBERTO CARRASCO

No encontro Soluções de Habitação Para Idosos, organizado pelo Centro de Pesquisa Ageingnomics, tivemos a oportunidade de entrevistar a José Antonio Granero, arquiteto, e a Juan Fernández-Aceytuno, conselheiro delegado da Sociedad de Tasación, com quem conversamos sobre os desafios que nós, como sociedade, devemos enfrentar para adaptar a oferta habitacional às novas circunstâncias vitais dos maiores de 55 anos e oferecer aos nossos jovens uma proposta de futuro levando a mesma consideração.

José Antonio Granero, arquiteto

A habitação é um fator tão determinante na nossa qualidade de vida?

Certamente é e, além disso, acho que nos tornamos especialmente conscientes disso após a crise da saúde e a pandemia; da importância do ambiente construído, de como a habitação é um fator determinante da qualidade de vida mas também do bem-estar físico, das relações sociais e pessoais e da importância da cidade. Falando dos idosos, o domínio da habitação e residência e o domínio da cidade são os dois grandes desafios em que temos de trabalhar para tornar os ambientes mais amigáveis e confortáveis, não só para os idosos mas para todas as pessoas.

Quando falamos em melhorar as condições de vida dos idosos, é inevitável analisar a adaptabilidade e acessibilidade da habitação?

Temos que trabalhar em novos tipos de soluções de habitação e residência para idosos onde, além de mudanças nos elementos físicos, iluminação e sinalização, também são estudadas as cores

mais adequadas no momento em que começamos a ter algumas deficiências cognitivas ou visuais. Tudo o que é estudado pela medicina, pela psicologia e pelos gerontólogos também deve ser aplicado.

A acessibilidade é um conceito fundamental, não só na entrada da casa mas nos diferentes espaços, ou nas dimensões das portas, bem

como outros elementos e dispositivos. Até agora, sempre que falávamos em acessibilidade o que fazíamos era colocar próteses nos elementos do parque construído e em geral as soluções eram bastante feias. A funcionalidade foi procurada, mas os elementos que tinham a ver com acessibilidade, infelizmente, faltavam no design. Temos o extraordinário desafio

**«Os idosos não
querem conviver
apenas com pessoas
da sua idade,
gostam de viver na
diversidade, em
ambientes mistos»**



O domínio da habitação e residência e o domínio da cidade são os dois grandes desafios em que temos de trabalhar para tornar os ambientes mais amigáveis e confortáveis, não só para os idosos mas para todas as pessoas

de reivindicar outro direito fundamental, que é o direito à beleza.

Os projetos habitacionais «para a vida» vão muito além de serem espaços adaptados e acessíveis. Em alguns casos são considerados como espaços de convivência intergeracional. Esses projetos são viáveis?

Acredito muito em tudo que tem a ver com questões intergeracionais.

Já tive a experiência de trabalhar com jovens com startups em um Instituto de Empreendedorismo onde também incorporamos pessoas de 75 e 80 anos com muita experiência e essa combinação foi fantástica pois gerou entusiasmo de ambos os lados e foi muito interessante porque enfrentamos uma geração de idosos com grande interesse em novas tecnologias.

O que deve ser evitado, sem dúvida, é a geração de segregações. Os idosos não querem conviver

apenas com pessoas da sua idade, gostam de viver na diversidade, em ambientes mistos. Devemos privilegiar seus ambientes com dois conceitos-chave: envelhecer em casa ou em situações semelhantes às de um lar, com unidades de convivência menores, onde a independência e autonomia são favorecidas e as maiores capacidades são fornecidas para manter uma pessoa viva e ativa. E, por outro lado, facilitar a convivência, ter relações sociais e elementos de comunicação já que a solidão é muito difícil.

Na sua opinião, quais são os principais desafios para se adaptar a esse novo cenário demográfico do planejamento urbano e da arquitetura?

O primeiro desafio, e é muito básico, é a ação sobre o parque habitacional construído para a sua reabilitação e reforma. Dois terços do parque habitacional construído ainda não está adaptado à vida dos idosos.

O segundo desafio seria trabalhar essas novas tipologias de casas para a vida com assistência e atendimento personalizados, analisando as escalas e tamanhos onde deveriam estar localizadas, dependendo do ambiente. Em cada caso existem soluções ótimas e aqueles que viveram em um determinado ambiente querem continuar vivendo nele, pois é aquele que é amigável e favorável a eles.

O terceiro desafio é aquele que já mencionamos de modelos com independência e serviços comuns, mas que servem de suporte entre gerações. Sem dúvida, é hora de inovar e antecipar o que pode vir até nós. É preciso experimentar novas soluções, monitorá-las e ouvir os idosos que vivem nelas. Esses novos modelos devem ser acompanhados não apenas por um novo design, mas também por novas tecnologias que favoreçam o cuidado e a vida.

Juan Fernández-Aceytuno, conselheiro delegado da Sociedad de Tasación

Perante o novo desafio demográfico, com uma situação em que os jovens não podem comprar casa e as pensões não serão suficientes para todos; Estamos enfrentando esse desafio corretamente?

Acho que não, porque, para começar, a lei habitacional e a lei

previdenciária não falam uma com a outra. Por outro lado, os jovens não estão comprando uma casa, estão vendo que podem atrasar a decisão de compra porque é possível que herdem a casa de seus pais. Além disso, a passagem de jovens para maduros se ampliou muito, eles se casam mais tarde,

têm filhos mais tarde, vivem mais o momento, vivem mais a juventude. Eles estão naquele momento de juventude eufórica. E eles vivem tanto o momento que isso, somado à falta de educação financeira, não os deixa ver que seria muito mais inteligente com uma vida de 100 anos comprar o quanto antes. Isso

lhes permitiria ter apoio financeiro; Com uma casa você pode pedir um empréstimo para financiar uma PME, comprar outra casa, montar uma empresa, vendê-la, ir para outro lugar. Acho que seria a coisa mais inteligente a fazer: tente o mais rápido possível. Mas o que acontece? Depois, há os salários. Como não têm salários, a maioria dos jovens não tem capacidade para comprar e como vêem que podem herdar a casa dos pais, a conclusão é: não compro e espero. Mas é um erro porque provavelmente aquela casa que eles pensam que vão herdar vai ser necessária para seus pais pagarem por sua independência.

Assim, entende-se que talvez a educação financeira seja um objetivo primordial.

Sim, deve ser essencial e eu sei que o Banco da Espanha e outras organizações estão tentando trabalhar nisso, por transparência, por clareza, para evitar fraudes... Com educação financeira é possível entender que as propriedades fazem parte do seu patrimônio. E você pode ter produtos de poupança, produtos de vida, previdência e moradia, e tem que ver tudo com uma visão 360° do que é o seu futuro. O que acontece na Espanha? Bem, temos 80% ou 90% das nossas economias em habitação e isso é atípico na Europa, não há muitos países no mundo onde isso acontece. A habitação não é um valor garantido, é muito estável e dá segurança, mas não vamos conseguir mobilizar tudo ao mesmo tempo. A educação

«Precisávamos de alguém que pensasse a longo prazo, mas não só em habitação e pensões, mas também em energia, educação, etc.»



financeira permite que você veja os prós e contras de cada produto.

E em relação a outros países, você acha que estamos fazendo bem o dever de casa, considerando que na Espanha temos uma população talvez mais velha do que em outros países?

Acredito que estamos atrasados, falta visão, olhar para daqui a 30 anos. Precisariamos de alguém que pensasse a longo prazo, mas não só em habitação e pensões, mas também em energia, educação, etc. Sociedade civil organizada com uma equipe de pessoas que trabalhem na Espanha daqui a 30 anos.

E para essa Espanha daqui a 30 anos e no futuro, se fosse necessário marcar algumas

linhas de ação, quais pontos deveriam ser trabalhados?

Bom, já falamos sobre educação, tanto a educação básica quanto a financeira. E, também, teria que ser feita uma análise para relacionar a campanha demográfica com a pensão e o valor da casa, tudo deveria estar em uma única equação. Sabemos como a campanha demográfica vai evoluir, é bastante preciso, a riqueza dos salários também pode ser projetada e para o preço da habitação podemos ter um certo nível de previsão. Tudo isso temos que projetar para 30 ou 40 anos e ver o que acontece; veja quais salários seriam necessários para pagar a pensão necessária ou quais despesas uma família típica terá em 40 anos. Acho que temos que nos concentrar no planejamento dessas questões neste país. ⊗



Outra maneira de ajudar

TEXTO: LAURA SÁNCHEZ

PAZ/MIP: solidariedade em quadrinhos

Mais de sessenta autores de renome internacional se uniram para dar forma aos quadrinhos solidários *PAZ/MIP*, por meio do qual pretendem arrecadar fundos para as ONGs World Central Kitchen (chef José Andrés) e Médicos Sem Fronteiras, a fim de auxiliá-los em seu trabalho em favor dos refugiados da Ucrânia. Uma campanha com a qual você pode colaborar através da plataforma Verkami.

A ideia partiu do roteirista David Braña, coordenador desta antologia, que decidiu reunir o talento de muitos colegas para contribuir com seu grão de areia para essas organizações: «Água e alimentos são recursos básicos para todo ser humano e para o seu

dia a dia, independente da situação em que se encontre —explica Braña—. Em uma guerra tudo é aumentado e tudo o que é dado como certo para a sobrevivência se torna ainda mais importante. E não só água e comida, mas também abrigo, frio, calor, a destruição que envolve o terreno, cuidados de saúde... Em suma, apoio humano numa situação absolutamente desumanizada e aterrorizadora. Qualquer gesto, qualquer recurso, comida, cobertor, dinheiro... que possa ser enviado é um passo a mais para a proteção e uma mensagem clara que diz “você não está sozinho”. O aspecto psicológico também parece muito importante nestes casos».

O resultado desse passo foi uma obra de 116 páginas que reúne 62 autores em 29 histórias em quadrinhos e 10 ilustrações comoventes, cruéis, emotivas e vingativas, com uma capa espetacular de Santipérez. Todas essas imagens nos aproximam da cena da guerra em geral e da Ucrânia em particular, através dos olhos de crianças e adultos inocentes.

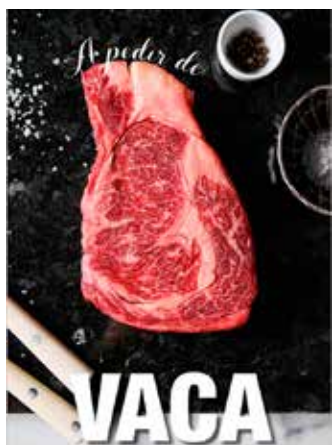
David Braña já tem experiência em projetos solidários em favor de pacientes com Síndrome de Down e refugiados da Síria, e coordena outras publicações como a antologia *Dark Hearts* e a revista *El arca de las comics*, na qual também trabalhou como editor.



‘A pedir de vaca’: receitas para ajudar La Palma

O setor de carne bovina na Espanha, por meio de sua associação PROVACUNO, lançou *A pedir de vaca*, um livro solidário que busca arrecadar fundos para ajudar a recuperar os danos causados pela erupção do vulcão La Palma. O livro contém receitas de 27 chefs com estrelas Michelin que colocaram seu entusiasmo e criatividade a serviço de La Palma.

Na elaboração das receitas presentes no livro participaram com suas criações Martín Berasategui, Joan Roca, Jesús Sánchez, Paco Pérez, Ángel León, Paolo Casagrande, Ricard Camarena, Diego Guerrero, Fran Martínez, Luis Valls, Iván Cerdeño, Juanlu Fernández, Javier Estévez, Rafa Centeno, Miguel Ángel de la Cruz, Kisko García, Javier Aranda, Joel Castanyé, Israel Ramos, Fernando del Cerro, Iñigo Urrechu, Mariano Andrés, Julius Biernert, Carlos Moreno, Dieu Thao, Juanmi Carrasco e David Montero.



Esta iniciativa busca voltar a focar em La Palma, meses após a erupção, agora que o drama das famílias que perderam tudo não aparece mais como a notícia de abertura dos jornais.

Além de seu objetivo social, o livro oferece aos leitores receitas de carne bovina para uma «alimentação saudável e equilibrada». Nesse sentido, os autores também querem valorizar o setor, que está «comprometido com o meio ambiente» e ajuda a «conservar o ecossistema».

Estrelas contra o desperdício

17% dos alimentos disponíveis para os consumidores acabam no lixo de casas, lojas, restaurantes e outros serviços de alimentação. Especificamente, cerca de 931 milhões de toneladas de alimentos foram desperdiçadas em todo o mundo em 2019, sem contar as perdas geradas durante a produção e o transporte, como indica um relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA). Enquanto essas enormes quantidades de alimentos estão sendo perdidas, 690 milhões de pessoas no mundo (quase 9% da população) sofrem de fome.

Por isso, a Associação Espanhola de Fabricantes e Distribuidores (AECOC) lançou o livro: *Estrellas*



contra el desperdicio, o primeiro livro solidário de receitas de chefs com estrelas Michelin. Este trabalho reúne 30 receitas de aproveitamento elaboradas e cedidas abnegadamente pelos principais chefs da Espanha e convida os cidadãos a refletir sobre o valor dos alimentos, bem como a importância de não desperdiçá-los.

Além de descobrir receitas de chefs como Ferran Adrià, Carme Ruscalleda, Arzak, José Andrés e Susi Díaz, entre outros, todos os lucros obtidos com a venda do livro irão para a FESBAL (Federação Espanhola de Banco de Alimentos) para a compra de alimentos. «Evitar o desperdício de alimentos é uma das ações que todos temos ao nosso alcance e com maior impacto para avançar rumo a um modelo de consumo mais sustentável e reduzir as emissões que geramos. *Estrellas contra el desperdicio* quer contribuir para que, como consumidores, valorizemos os alimentos», explica a AECOC.

Visto na rede

Conheça todas as nossas atividades através das redes sociais. Nesta seção você encontra uma seleção dos melhores posts do Facebook, Twitter e Instagram.

f FACEBOOK

@FundaciónMapfre
@fundaciónmapfrecultura
@FMobjetivozero

🐦 TWITTER

@fmapfre
@mapfreFcultura
@FMobjetivozero
@KBrfmapfre
@FM_ageingnomics

📷 INSTAGRAM

@mapfrecultura
@kbrfmapfre

in LINKEDIN

Fundación MAPFRE
Centro de Pesquisa
Ageingnomics da Fundación
MAPFRE

O MELHOR TUIT @fmapfre

Economizar pode parecer difícil, mas com o método certo todos podemos atingir nossos objetivos, seja para uma viagem ou para um celular novo. 🛠️ Te contamos como fazê-lo de forma eficaz neste vídeo 📺
#ContigoSomosRede
#UmaRedeParaOAmanhã
#economizar



f Fundación MAPFRE



Um em cada três idosos não sabe como se entreter ou aprender coisas novas...

O NAU Experiencias, um dos projetos finalistas dos nossos Prêmios à Inovação Social 2022 na categoria Economia Sênior, nasceu com o objetivo de resolver este problema, e estão conseguindo!

#ContigoSomosRede
#UmaRedeQueNosApoia
#PrêmiosInovaçãoSocialFM #Sênior

🐦 Fundación MAPFRE @fmapfre

Vai viajar? Seguro ON ✅

Está voltando para casa? Seguro OFF 🚫

É assim que funciona o seguro On-Off, uma forma inovadora e flexível de gerir o que temos segurado 📱

Contamos o que são neste vídeo! 📺

<http://bit.ly/30PQI6K>

#ContigoSomosRede #UmaRedeParaOAmanhã



📷 mapfrecultura

«Não. Isso não é uma praia. Nem vai ser uma praia. E, no entanto, que calor. Como queima. Meu Deus. Quanta luz.»

«A Praia» de #ExpoPérezSiquier x @lunamonelle

Vem com a gente? 📺



in Fundación MAPFRE



Em agosto muitos de nós pegamos a estrada para viajar e aproveitar as férias. 🚗

Mas antes de ligar o motor, devemos nos certificar de que estamos preparados para qualquer imprevisto. 🚗

Neste vídeo, contamos como organizar o porta-malas do carro para aproveitar a viagem. 😊

#ContigoSomosRede
#UmaRedeResponsável
#Férias #Carro #RoadTrip



Juntos somos capaces de eliminar las barreras de la discapacidad



Los trastornos mentales serán la primera causa de discapacidad a nivel mundial en 2030.

Desde **Fundación MAPFRE** llevamos más de 12 años trabajando en la inserción social y laboral de personas con discapacidad intelectual o con problemas de salud mental.

Por eso colaboramos con **entidades sociales** que, a través de su trabajo diario, ayudan a mejorar la calidad de vida de personas con trastorno de salud mental y sus familias.

Juntos somos Capaces

Fundación MAPFRE

Fundación **MAPFRE**

www.fundacionmapfre.org

ESP/CONSULTA NUESTRA REVISTA ONLINE

ENU/CHECK OUR ONLINE MAGAZINE

PTB/CONFIRA NOSSA REVISTA ON-LINE

https://www.fundacionmapfre.org/fundacion/es_es/publicaciones/revista-fundacion/

